

CLIMA 2014-2017

Excesso e falta de chuvas alteram o mapa dos hortifrúti

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
VENDA PROIBIDA

www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil



O SITE ESTÁ DE CARA NOVA!

hfbrasil.org.br

Acesse, comente, compartilhe e atualize-se sobre o mercado dos HFs!



Agora a DuPont traz ainda mais proteção para a sua lavoura ir além

Verimark® e Benevia® trazem um novo conceito na proteção da lavoura e no manejo de produção. O Programa permite controle eficiente das pragas mais importantes desde o início do ciclo, proporcionando plantas saudáveis e vigorosas.

Ambos possuem o ativo Ciantraniliprole que apresenta espectro cruzado com alta performance no controle das principais pragas mastigadoras* e sugadoras*.

Verimark® alvos

- ✓ **Mosca-branca**
(*Bemisia tabaci*)
(*Bemisia tabaci* raça B)
- ✓ **Mosca-minadora**
(*Liriomyza huidobrensis*)
(*Liriomyza sativae*)
(*Liriomyza* spp)
- ✓ **Traça-das-crucíferas**
(*Plutella xylostella*)
- ✓ **Lagarta-mede-palmo**
(*Trichoplusia ni*)
- ✓ **Traça-da-batata**
(*Phthorimaea operculella*)
- ✓ **Pulgão-verde**
(*Myzus persicae*)

Benevia® alvos

- ✓ **Mosca-branca**
(*Bemisia tabaci*)
(*Bemisia tabaci* raça B)
- ✓ **Mosca-minadora**
(*Liriomyza huidobrensis*)
(*Liriomyza sativae*)
(*Liriomyza* spp)
- ✓ **Traça-das-crucíferas**
(*Plutella xylostella*)
- ✓ **Broca-pequena-do-tomateiro**
(*Neoleucinodes elegantalis*)
- ✓ **Broca-da-vagem**
(*Etiella zinckenella*)
- ✓ **Lagarta-mede-palmo**
(*Trichoplusia ni*)
- ✓ **Broca-das-cucurbitáceas**
(*Diaphania nitidalis*)
- ✓ **Broca-do-café**
(*Hypothenemus hampei*)
- ✓ **Bicho-mineiro-do-café**
(*Leucoptera coffeella*)

*Acesse a bula no site www.dupontagricola.com.br e saiba mais sobre os produtos.



Os LMRs e Tolerâncias de Importação para culturas tratadas com Verimark® e Benevia® podem estar pendentes em alguns países. Consulte seu exportador, importador ou a DuPont antes de aplicar Verimark® e Benevia® nas culturas de exportação. Cyazypyr™ é a marca comercial do ingrediente ativo Ciantraniliprole. ATENÇÃO: Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO. Produto de uso agrícola. Faça o Manejo Integrado de Pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos do produto.

DuPont™ Verimark®

inseticida

powered by
CYAZYPYR®

DuPont™ Benevia®

inseticida

powered by
CYAZYPYR®

Benefícios



Melhor estabelecimento da cultura



Plantas mais vigorosas que proporcionam melhores resultados



Uma só molécula com espectro cruzado no manejo das mais importantes pragas



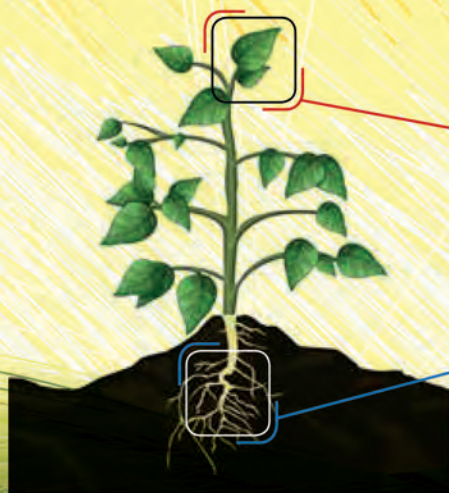
Controla diversas fases do ciclo da praga resultando em alta performance



Maior proteção, ação sistêmica e translaminar



Ganhos adicionais em produtividade e qualidade



BENEVIA® | FOLIAR

DuPont™ Benevia® é um inseticida registrado para **30 culturas**. Possui formulação à base de óleo 100 OD - Dispersão de Óleo, para aplicações foliares.

VERIMARK® | SOLO

DuPont™ Verimark® é um inseticida registrado para **28 culturas**. Possui formulação 200 SC - Suspensão Concentrada, para aplicações via solo.

O aumento da produtividade e rentabilidade foram observados em campos experimentais, onde foram utilizados os produtos Verimark® e Benevia®, seguindo corretamente as informações de dosagem e aplicação. O aumento de produtividade e rentabilidade depende também de outros fatores, como condições de clima, solo, manejo, estabilidade do mercado, entre outros. Dados disponibilizados pela área de Pesquisa da DuPont. Consulte sobre a aprovação do cadastro estadual do produto Verimark®, em seu estado, para as diferentes culturas registradas. O produto Verimark® está liberado para comercialização no PR (com restrição na cultura do fumo para o alvo *Phthorimaea operculella*).

Para mais informações:

TeleDuPont
 0800 707 55 17 Agrícola
 www.dupontagricola.com.br

SIMPÓSIO SOBRE DEFENSIVOS AGRÍCOLAS

BENEFÍCIOS
IMPACTOS
DESAFIOS

26 E 27
DE ABRIL
PIRACICABA - SP

CADA VEZ MAIS NECESSÁRIO NAS LAVOURAS
PARA O COMBATE DE INFESTAÇÕES, OS
DEFENSIVOS AGRÍCOLAS APRESENTAM CERTA
COMPLEXIDADE E ELEVADO GRAU DE ATENÇÃO
QUANTO A SEU REGISTRO E APLICAÇÃO, SENDO
QUE A AVALIAÇÃO E ENTENDIMENTO DE SEUS
EFEITOS EM TODA CADEIA PRODUTIVA TORNOU-SE
UM GRANDE DIFERENCIAL NA POTENCIALIZAÇÃO
DE SEU USO E REDUÇÃO DE DANOS E PERDAS.

TEMAS

- REGISTRO
- RESISTÊNCIA A PRAGAS
- RESÍDUO DE AGROTÓXICOS EM ALIMENTOS
- ORGANISMOS NÃO-ALVOS: EFEITO SOBRE POLINIZADORES

INSCREVA-SE EM
PECEGE.ORG.BR

(19) 3377.0937 | (19) 3375.4251
(19) 99948.4769

REALIZAÇÃO/ORGANIZAÇÃO

Pecege

EDITORIAL

CRISE HÍDRICA É COISA DO PASSADO?



João Paulo Deleo (esq.), Marcela Barbieri e Emanuel Pereira
são os autores da matéria sobre clima.

Esse questionamento foi levantado na edição de março de 2016. Naquela época, as chuvas já eram verificadas com maior intensidade em importantes regiões produtoras do Sudeste e Sul do Brasil. Apesar disso, ainda ficava o alerta da possibilidade de mais um ano de forte estiagem nas praças do semiárido brasileiro.

O alento no ano passado era aposta de que o *La Niña* poderia amenizar a grave crise hídrica no Nordeste. O fenômeno, de fato, veio, mas não diminuiu os problemas com a falta de chuva. Muitas praças produtoras localizadas no Nordeste – e também de outras regiões, como Goiás, Brasília, norte de Minas Gerais e norte do Espírito Santo – estão em situação crítica em termos de disponibilidade de água. Se não chover na principal época de precipitação no semiárido (fevereiro-março-abril), a área e a produtividade de frutas e hortaliças devem novamente recuar em 2017, assim como o observado em 2016.

As previsões para este ano ainda não são consistentes. Mas o Cptec/Inpe e o Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden) alertam para a possibilidade de o Rio Grande do Norte ter precipitação abaixo da média em seu principal período chuvoso. Isso significa que as áreas de importantes culturas, como a banana, melão e cebola, entre outras, podem ter nova redução, por conta da restrição de água.

Esse cenário indica que a crise hídrica não é coisa do passado, mas, sim, um problema que persiste e que pode ter consequências muito negativas para um futuro próximo, caso as chuvas não voltem com força.

ERRATA

No Anuário 2016-2017 (ed. de dezembro/janeiro, nº 163), na Seção de melão na página 33 no texto “*Novos clientes podem ser alternativas contra estoques lotados na Europa*”, os números corretos dos envios da fruta à Europa são **alta** de 3% de agosto a novembro de 2016 sobre o mesmo período de 2015 e, a receita, 6% **menor** no mesmo período.



**Existem coisas
que ficam muito
melhores juntas.**

Bayfolan
COBRE

Chegou a inovação
que faltava para sua lavoura.

Bayfolan Cobre traz para sua lavoura os benefícios da sinergia dos aminoácidos e cobre em um único produto. Melhor eficácia nutritiva e absorção de nutrientes, deixando as plantas mais saudáveis para o máximo de resultados.

Bayfolan Cobre.
Plantas fortes e saudáveis.



O que você pretende fazer de diferente no setor de HF em 2017?



Gostaria que todos do setor fossem mais envolvidos, com associações sérias. Só assim seremos mais fortes!

Ednaldo M. da Silva – Taquarituba/SP

Achei bem feita a análise de retrospectiva 2016 e perspectivas 2017 no Anuário, com projeções dentro do esperado. Neste ano, pretendo aumentar produtividade, reduzir custos e em adequar à lei de oferta e procura.

José Carlos Guarnieri – Brasília/DF

Como produtor de batatas, pretendo diminuir

área de *in natura* e investir em batata para indústria.

Danilo Gomes – Munhoz/MG

Achei muito importante o Anuário 2016-2017. Com ele, podemos ter noção dos desafios a serem enfrentados e dos riscos a serem analisados em tempos de crise. Em 2017, pretendo continuar investindo no setor e utilizar novas tecnologias.

Ana Paula Ap. G. Brazil – São Paulo/SP

Quero ser mais precavido neste ano: ter mais

CAPA 10



Veja os impactos do clima por cultura de 2014 para cá e saiba se choverá ou não em sua horta em 2017.

FÓRUM 34

A pesquisadora e dra. Renata Gonçalves Tedeschi, do Cptec/Inpe, é a nossa convidada desta edição e fala quais são as previsões climáticas para 2017.

HF BRASIL NA REDE



Hf www.hfbrasil.org.br














19 99128.1144

Hortifruti Brasil

@revistahortifrutibrasil

@hfbrasil

SEÇÕES

ALFACE		20
BATATA		22
CENOURA		23
TOMATE		24
CEBOLA		25
MELÃO		26
MANGA		27
MELANCIA		28
MAMÃO		29
CITROS		30
UVA		31
BANANA		32
MAÇÃ		33

EXPEDIENTE

A Hortifruti Brasil é uma publicação do CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP
ISSN: 1981-1837

Coordenador Científico:

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros

Editora Científica: Margarete Boteon

Editores Econômicos:

João Paulo Bernardes Deleo, Leticia Julião, Larissa Gui Pagliuca, Fernanda Geraldini Palmieri e Marina Marangon Moreira

Editora Executiva:

Daiana Braga MTb: 50.081

Diretora Financeira: Margarete Boteon

Jornalista Responsável:

Alessandra da Paz MtB: 49.148

Revisão:

Daiana Braga, Bruna Sampaio, Caroline Ribeiro, Nádia Zanirato, Paola Garcia Ribeiro Miori e Flávia Gutierrez

Equipe Técnica:

Bianca Pan dos Santos, Carolina Camargo Nogueira Sales, Caroline Ribeiro, Emanuel Pereira Lima Filho, Fernanda Geraldini Palmieri, Giulia Gobbo Rodrigues, Isabela Costa, Isabela Fernanda Luiz, Isabela Silva dos Santos, Laís Ribeiro da Silva Marcomini, Laleska Rossi Moda, Lenise Andresa Molena, Marcela Guastalli Barbieri, Mariana Coutinho Silva, Mariana Santos Camargo, Mariane Novais Olegário de Souza e Rogério Bosqueiro Junior

Apoio:

FEALQ - Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz

Diagramação Eletrônica/Arte:

Guia Rio Claro.Com Ltda
enfaserioclaro@gmail.com

Impressão:

www.graficamundo.com.br

Contato:

Av. Centenário, 1080
Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)
Tel: 19 3429-8808
Fax: 19 3429-8829
hfcepa@usp.br
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

A revista Hortifruti Brasil pertence ao Cepea

A reprodução dos textos publicados pela revista só será permitida com a autorização dos editores.

Para receber a revista **Hortifruti Brasil** eletrônica, acesse www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade, faça seu cadastro gratuito e receba todo mês a revista em seu e-mail!

cuidado na hora de vender e comprar, trabalhar com pagamentos à vista...

Sandro Sobral – Rinópolis/SP

Tenho interesse em explorar o mercado de orgânicos e processar as sobras de comercialização.

José Lourenço Pechtoll – Santo André/SP

Devo aumentar a minha produção de bananas em 2017, refletindo o incremento na área plantada no final de 2016.

Sávio Marinho – Delfinópolis/MG



Cecília Araújo - Porto Feliz (SP)



Eron Gabriel - Paranapanema (SP)



João Gabriel Boranella Silva - Taquarituba (SP)

Valorize seu pequeno na agricultura!



Foi um sucesso a campanha “Valorize seu pequeno na agricultura”, com fotos de crianças enviadas pelos nossos leitores! A campanha, iniciada em outubro passado, será estendida nas próximas edições!

Quer ver a foto do seu pequeno na revista? Então tire uma foto dele e mande para nós para o e-mail hfcepea@usp.br ou pelo WhatsApp (19) **99128.1144!**

ESCREVA PARA NÓS.

Envie suas opiniões, críticas e sugestões para:

Hortifruti Brasil - Av. Centenário, 1080 - Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)
ou para: hfcepea@usp.br

Li o Anuário 2016-2017, mas acho vocês muito otimistas. Nos próximos anos, só lucrarão na cadeia de hortifrúti supermercados, agropecuárias e empresas fornecedoras de insumos para o setor. Não dá para entender porque o produto que sai da propriedade por R\$ 1,00 chega à mesa do consumidor por até R\$ 6,00, por exemplo. Em 2017, vou reduzir a produção ao mínimo possível, para poder iniciar uma recuperação lenta, mas sólida, das perdas acumuladas em 2015 e 2016. A economia brasileira está em pedaços e a recuperação será lenta e prolongada. Povo sem dinheiro não consome hortifrúti.

Emilio Della Bruna – Urussanga/SC

Planejo vender direto para o consumidor, para sair do atravessador ou da ceasa.

Everardo Fraga – Lavrinhas/SP

Hortifruti Brasil no WhatsApp



A **Hortifruti Brasil** está no WhatsApp! Neste aplicativo, você pode entrar em contato conosco e também nos enviar fotos para publicarmos na revista! Para isso, basta nos enviar fotos de sua produção, nome e região!

Veja o que nossos leitores nos enviaram!

19 **99128.1144** ✓

Celso Ricardo Coura De Castro - Marmelópolis (MG)



Francisco Dourado Junior - Irecê (BA)



Trump "azedo" acordo de exportação de limão argentino

Por Marina Marangon

Logo após sua posse, em 20 de janeiro, o novo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, mostrou que deve seguir com postura ofensiva ao suspender por 60 dias o acordo de exportação que havia sido realizado entre o governo de Barack Obama e Mauricio Macri, presidente da Argentina. Os limões argentinos não entravam nos EUA desde 2001 e, após intensas negociações, os argentinos conseguiram finalmente iniciar seus envios ao país norte-americano a partir de 23 de dezembro do ano passado. Produtores, que esperavam exportar volume de 20.000 toneladas por ano da fruta, agora estão no aguardo para saber qual será a medida definitiva tomada pelo recém-eleito presidente.



Alemanha pode abrir portas para Ásia e América do Sul

Por Rogério Bosqueiro

Logo após Donald Trump assinar o decreto que tira os EUA do Tratado de Associação Transpacífico no dia 23 de janeiro, o famoso ditado popular "quando se fecha uma porta, abre-se uma janela" está sendo muito bem aplicado para representar a atual dinâmica das relações internacionais no mundo. Após a decisão do mais novo presidente norte-americano, o vice-chanceler da Alemanha Sigmar Gabriel afirmou que a indústria alemã pode tirar proveito das oportunidades de comércio na Ásia e na América do Sul deixadas pelos Estados Unidos. Para o Brasil, essa afirmação pode refletir em um encurtamento nas relações comerciais, e a necessidade da Alemanha por bens primários pode ser uma grande oportunidade para o mercado brasileiro de hortifrutis.



Petiscos à base de frutas ganham representatividade

Por Caroline Ribeiro e Fernanda Geraldini

Petiscos à base de frutas já representam quase 18% de todos os lanches no mundo todo. É o que conclui a Innova Market Insights, empresa que acompanha o mercado de alimentos e bebidas e tendências. A representatividade, inclusive, é mais que o dobro da observada há cinco anos, quando esse nicho respondia por apenas 8% dos todos os lanches. Dentre as principais variedades comercializadas, estão as frutas secas, barras de frutas e snacks. Com o crescimento, os petiscos deste segmento hoje ocupam o terceiro lugar no lançamento de lanches, atrás apenas de snacks salgados e de sementes. A justificativa deste aumento, conforme a diretora de inovação da empresa, Lu Ann Williams, seria a facilidade em transportar os lanches e consumi-los em qualquer lugar.



Site une produtores e comerciantes

Por Daiana Braga

A iniciativa do engenheiro agrônomo Breno Alves pode ajudar quem procura por produtores de frutas e hortaliças ou quer divulgar sua produção. Alves criou o site hfrural.com.br, que encurta a distância entre o produtor e o atacadista ou varejista, e também ajuda o produtor rural a divulgar sua atividade. O produtor pode se cadastrar gratuitamente no site, colocando informações de sua produção. Assim, seus dados ficam disponíveis no mecanismo de busca do site para futuros compradores. Quem sabe seu futuro cliente não está a um clique da sua produção?

HF Brasil por aí

Pesquisadoras vão à MG para palestra de tomate



Mariana Camargo e Marina Marangon foram à Turvolândia (MG) no dia 13 de janeiro e ministraram a palestra "Panorama & Perspectivas do Mercado de Tomate". As pesquisadoras foram convidadas pela Basf, com o apoio da Yara Fertilizantes e, dentre os convidados, boa parte era de produtores de tomate da região.

Mariana (ao lado) em palestra em Turvolândia.

Cepea recebe pesquisadores da Flórida

Em visita ao Brasil, o professor Thomas H. Spreen, da Universidade da Flórida (EUA), e a diretora do Departamento de Citros da Flórida, Marisa Zansler, foram recebidos pelas pesquisadoras Fernanda Geraldini, Margarete Boteon, Sílvia Miranda e Andréia Adami no dia 27 de janeiro no Cepea. Na oportunidade, as pesquisadoras mostraram o atual cenário brasileiro de laranja e trocaram informações da citricultura de ambos os países. Spreen e Marisa foram recepcionados no País pelo professor Waldir Fernandes, da Unesp de Jaboticabal (SP).



Sílvia Miranda (esq.), Margarete Boteon, Thomas Spreen, Marisa Zansler, Andréia Adami, Fernanda Geraldini e Waldir Fernandes

O que você espera de um **nematicida?**

Este produto é perigoso à saúde humana. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo. Venda sob receita médica agrônoma.

Quer saber a **realidade?**

BAIXE O APLICATIVO
**ADAMA REALIDADE
AUMENTADA**



**APONTE O SEU
CELULAR PARA
ESTA IMAGEM**

Experimento realizado pelo Centro
Universitário Filadélfia (UNIFIL),
sob a supervisão dos pesquisadores
Thiago Zanoni Bagio e Idenize
Pedrina Orsini.

#NEMATICIDAREAL



ADAMA

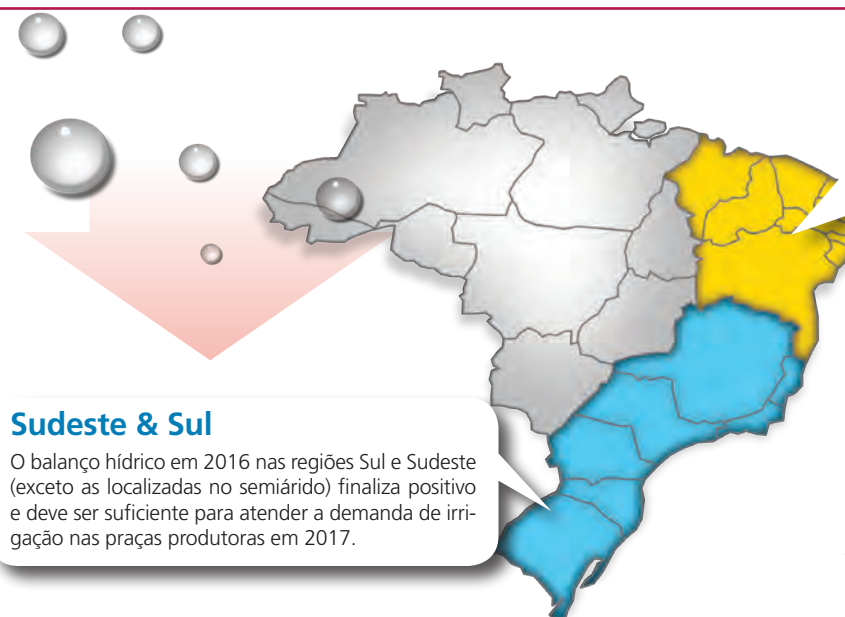
adama.com

CLIMA 2014-2017

2017 NÃO SERÁ UM ANO DE “ENOS” - As previsões apontam para um “ano neutro” em 2017, isto é, sem grandes fenômenos climáticos como o *La Niña* ou um novo *El Niño* (conhecidos como fenômenos “ENOS”). Nos últimos três anos, o fenômeno mais marcante foi o *El Niño* (que durou entre o final de 2014 e meados de 2016), considerado o segundo mais forte da história, na avaliação da pesquisadora Dra. Renata Gonçalves Tedeschi, do Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos (Cptec), do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). Esse fenômeno explica o aumento de chuvas acima da média no Sul do País e a diminuição da precipitação no Norte e Nordeste entre 2014 e 2016.

LA NIÑA TERMINA EM FEVEREIRO SEM TRAZER BOAS CHUVAS PARA O NORDESTE - O fenômeno *La Niña*, que teve intensidade muito fraca no segundo semestre de 2016 e já tem seu término previsto em fevereiro/17, não elevou, como era aguardado, o volume de chuvas no Nordeste. O último relatório de previsão trimestral do Cptec/Inpe, publicado no dia 25 de janeiro, prevê que, por conta da “neutralidade” de grandes fenômenos em 2017, ampliam-se as incertezas quanto às previsões de chuvas entre fevereiro e abril nas regiões produtoras hortifrutícolas. Segundo o relatório do Inpe, a única exceção é o norte do Nordeste, onde a maioria dos indicadores aponta precipitação abaixo da normal climatológica no principal período chuvoso da região, que é o trimestre de fevereiro-março-abril. O Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden) avalia que a situação hídrica na maioria dos reservatórios de abastecimento de água do Nordeste não deve se recuperar no decorrer do trimestre fevereiro-março-abril de 2017. O Cemaden ainda alerta um acentuado risco de esgotamento da água armazenada entre novembro de 2017 e janeiro de 2018 nos estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Paraíba. Quanto às temperaturas, o Cptec prevê temperatura variando de normal a acima da normal climatológica no Centro-Norte e Nordeste do Brasil para o trimestre de fevereiro-março-abril e números próximos da normal climatológica para o Centro-Sul.

FALTA ÁGUA: SITUAÇÃO DO SEMIÁRIDO BRASILEIRO É CRÍTICA!



Nordeste

No geral, a situação na região do semiárido brasileiro (norte do Espírito Santo, norte de Minas Gerais e grande parte do Nordeste) é crítica e pode levar à redução dos investimentos em 2017, devido ao déficit hídrico desde 2014. A fraca intensidade do *La Niña* neste verão não elevou o volume de chuvas, como era esperado para a região. O Cemaden alerta para alto risco de esgotamento da água para 2017 nos estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Paraíba. Outras regiões hortifrutícolas como Goianópolis/Cristalina (GO) e Brasília (DF) também estão com limitação de água para a produção, e a situação pode ficar crítica caso a chuva não se normalize nos próximos meses.

Sudeste & Sul

O balanço hídrico em 2016 nas regiões Sul e Sudeste (exceto as localizadas no semiárido) finaliza positivo e deve ser suficiente para atender a demanda de irrigação nas praças produtoras em 2017.

Excesso e falta de chuvas alteram o mapa dos hortifrúteis

O QUE ESPERAR PARA OS HORTIFRUTÍCOLAS? - As previsões climatológicas do Cptec/Inpe e Cemadem apontam para a situação crítica quando ao volume de água disponível em algumas regiões produtoras, em especial as localizadas no semiárido do Brasil, que abrange tanto parte do Nordeste como o norte de Minas Gerais e norte do Espírito Santo. Mesmo que as chuvas aumentem daqui para frente, estas ainda não serão suficientes para repor as reservas hídricas, devido à forte estiagem dos últimos anos. Serão necessários vários anos de boas chuvas para recuperar as reservas de água do semiárido brasileiro e também de algumas regiões produtoras de Goiás (como Cristalina) e Brasília (DF). Já nas regiões Sul e Sudeste, as reservas hídricas estão em bons níveis, o que deve garantir oferta de água suficiente para atender a demanda por irrigação nos hortifrutícolas em 2017.

BALANÇO CLIMA X OFERTA DE HFS: 2014/2015/2016

O segundo semestre de 2016 e o verão de 2017 (que se encerra em 19 de março) registram normalidade climática nas regiões produtoras do Sudeste (exceto no norte do Espírito Santo e de Minas Gerais) e do Sul do Brasil. Em 2014 e 2015, ao contrário, a falta de água era intensa e causava diversos prejuízos à produção de hortifrutícolas no Sudeste, em geral. Já no Sul, em 2014 e 2015, era a chuva em excesso que causava estragos à produção. Os danos gerados pelo clima entre 2014 até o primeiro semestre de 2016 estiveram atrelados à influência do *El Niño*.

A exceção da "normalidade" em 2016 foi a manutenção da crise hídrica nas regiões produtoras de hortifrutís loca-

lizadas no perímetro do semiárido, como o norte do Espírito Santo, norte de Minas Gerais e grande parte do Nordeste. Além do semiárido nordestino, algumas praças produtoras de hortifrutís de Goiás, como Cristalina e Goianápolis e o Distrito Federal, também sofreram com a falta de água em 2016. No geral, essas regiões registram déficits hídricos há anos, muitas delas antes do *El Niño* de 2014. Assim, a cada ano que passa, a crise hídrica fica mais grave, o que limita o acesso de água para irrigação. A perspectiva de *La Niña* forte em 2016 poderia atenuar essa crise, especialmente no Nordeste, mas o fenômeno veio com intensidade fraca, ampliando os problemas por falta de água em várias regiões produtoras.



CLIMA X OFERTA DOS HFS 2016

O clima é a variável que mais afeta a oferta dos hortifrutícolas no País. No geral, chuva volumosa prejudica a produtividade e aumenta as incidências de doenças, enquanto a ausência de precipitação limita a ampliação de área e eleva o aparecimento de pragas. Os últimos três anos, especialmente 2014 e 2015, apresentaram condições climáticas extremas (estiagem em algumas regiões e excesso de chuva em outras), cenário que reduziu significativamente a oferta

dos hortifrutícolas. Em 2016, a oferta de HFs, no geral, foi menos afetada pelo clima que nos dois anos anteriores. É importante ressaltar que essa maior oferta no ano passado e na safra de verão 2016/17 deve-se principalmente ao clima mais favorável nas regiões Sul e em grande parte do Sudeste (segundo semestre de 2016), o que garantiu produtividade elevada no período. Confira, a seguir, avaliação detalhada de 2016 e da safra de verão 2016/17 por produto.

ALFACE



TEMPORADAS DE INVERNO 2016 + VERÃO 2016/17: CLIMA DESFAVORECE PRODUÇÃO POR MAIS UM ANO

O volume de chuva foi grande e, as temperaturas, baixas durante a safra de inverno 2016 nas regiões produtoras de alface de Ibiúna (SP) e Mogi das Cruzes (SP). Como consequência, houve quebra na produção de alface. Em maio e junho/16, chuvas de granizo resultaram em perdas nos campos e prejudicaram a qualidade, com surgimento de bactérias que causaram manchas e "mela". Já de junho a julho, os altos volumes pluviométricos em Mário Campos e Caeté (MG) tranquilizaram produtores mineiros. Contudo, no final de outubro e início de novembro/16, o clima foi quente e com pouca chuva, impulsionando a proliferação de tripes e ocasionando perdas de até 100% em algumas lavouras. Na safra de verão de 2016/17, elevadas temperaturas e chuvas constantes nas praças paulistas de Ibiúna e de Mogi das Cruzes vêm gerando algumas perdas nos campos. Houve ocorrência pontual de granizo e de ventos, diminuindo a produção. Nas praças mineiras de Mário Campos e Caeté, as altas temperaturas e a grande quantidade de chuva vêm diminuindo a proliferação de tripes, o que reduziu as perdas e aumentou a oferta. Em Teresópolis (RJ), as fortes chuvas deste verão estão diminuindo a qualidade, chegando até a estragar as alfaces no campo. O clima quente e chuvoso em janeiro/17 também está causando pendoamento precoce em todas as regiões.

BATATA



SAFRAS DAS SECAS/INVERNO 2016 E DAS ÁGUAS 2016/17: CLIMA GERA BOA PRODUTIVIDADE NO 2º SEMESTRE DE 2016

A temporada das secas de 2016 de batata registrou produtividade reduzida por conta do excesso de chuva, principalmente no sul de Minas Gerais e no Sul do Brasil. Em julho, a safra de inverno também apresentou problemas com a umidade excessiva nas primeiras áreas colhidas, interferindo no plantio e na formação das sementes. No entanto, no decorrer da temporada de inverno, o clima foi mais favorável à produção e, conseqüentemente, a produtividade foi recuperada. Mais ao fim da safra, em novembro, a produtividade chegou a ficar acima da média. O clima seguiu favorável à produção na atual temporada das águas 2016/17 e, até janeiro/17, a produtividade foi elevada. A perspectiva é de que a safra das águas 2016/17 seja positiva em termos de produtividade, mesmo que o volume de chuvas aumente nos próximos meses, já que a maior parte das áreas se desenvolveram com clima bastante favorável.

CEBOLA



SAFRA 2016 (SUDESTE, NORDESTE E CENTRO-OESTE) + SUL 2016/17: CLIMA FAVORECE PRODUÇÃO A PARTIR DO 2º SEMESTRE DE 2016

O clima no segundo semestre de 2016 foi bastante favorável à produção de cebolas, com produtividade acima da média. Esse cenário e o aumento de área no Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste resultaram em excesso de oferta e preços baixos ao longo do segundo semestre. O clima também está ajudando a produção de verão 2016/17 no Sul do País. Produtores desta região aumentaram a área de plantio de cebola, o que, somado à maior produtividade, pode limitar a rentabilidade até o final da temporada, em abril/17. Restam poucas áreas para serem colhidas no Sul do País em fevereiro e, com isso, alterações no volume a ser comercializado daqui para frente podem ser influenciadas por problemas no armazenamento da cebola, caso a umidade do ar seja alta e eleve a incidência de doenças.



Agricultura
é a nossa vida

www.ihara.com.br

tetra

DIRIJA SUA LAVOURA COM SEGURANÇA, MESMO COM CLIMA ADVERSO.

Completo controla todas as fases dos fungos, inclusive nas condições climáticas ideais para o desenvolvimento das doenças.

TOMATE



REQUEIMA

BATATA



CEBOLA



MÍLDIO

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRONÔMICO.



Completo

CLIMA X OFERTA DOS HFS 2016 (cont.)

CENOURA



SAFRAS DE INVERNO 2016 + VERÃO 2016/17: ALTA PRODUTIVIDADE DEVIDO AO CLIMA DERRUBA PREÇOS

O clima mais ameno e seco desde maio/16 permitiu um bom desenvolvimento das cenouras nas regiões acompanhadas pelo Hortifruti/Cepea. Assim, a produtividade foi bastante elevada na safra de inverno 2016, o que derrubou os preços da raiz a patamares abaixo dos custos de produção em todo o segundo semestre de 2016. O excesso de oferta foi ainda mais acentuado diante do aumento de área na temporada de inverno, reflexo da entrada de “aventureiros” na atividade, atraídos pelas altas cotações da cenoura no primeiro semestre. Na temporada de verão 2016/17, a produtividade se manteve elevada até o final de janeiro/17, por conta do clima mais favorável à produção. Houve, apenas, um ligeiro recuo da produtividade no final de janeiro/17, em função de maior percentual de cenouras bifurcadas, decorrentes de má formação, influenciada pela chuva durante o preparo do solo, plantio e desenvolvimento da raiz. Esse problema ainda poderá ocorrer nos próximos meses, mas a perspectiva é de oferta elevada.

TOMATE



SAFRAS DE INVERNO 2016 + VERÃO 2016/17: SITUAÇÃO HÍDRICA É SEVERA NO NORDESTE

Em 2016, a manutenção da seca no Nordeste afetou a produção de tomate nas regiões avaliadas pelo Hortifruti/Cepea. O destaque são as praças do Agreste Pernambucano, Chapada Diamantina (BA), Serra da Ibiapaba (CE/PI) e Irecê (BA). Para algumas regiões, como a Serra da Ibiapaba, a crise hídrica foi muito severa e a área de plantio de tomate precisou ser reduzida em 16% em 2016. Em Venda Nova do Imigrante (ES), a falta de chuva também impactou na produção, mas as precipitações no final de 2016 e início de 2017 devem amenizar o déficit hídrico. Goianápolis (GO) foi outra praça afetada pela seca no ano passado. Em São Paulo, por outro lado, foi o aumento no volume de chuvas desde os últimos meses de 2016 que impactou a produtividade e a qualidade nas roças de tomate envarado no inverno. Em Sumaré (SP), por exemplo, chuvas abundantes geraram perdas significativas na produção e muitos problemas com bactérias, com destaque para a “murcha do tomate”. Já nas lavouras paulistas que colhem no verão 2016/17, especialmente na região de Itapeva (SP), as chuvas regulares e temperaturas elevadas têm favorecido a produtividade das lavouras, resultando, inclusive, em descartes do tomate excedente em janeiro.

BANANA



PELO SEGUNDO ANO CONSECUTIVO, RN REDUZ ÁREA POR FALTA DE ÁGUA EM 2016


Considerando-se todas as regiões produtoras de banana acompanhadas pela Hortifruti/Cepea, a área da fruta recuou 0,73% de 2015 para 2016. O motivo foi a diminuição de 28,9% na área do Rio Grande do Norte/Ceará. O déficit hídrico restringiu investimentos na atividade, principalmente no Nordeste e no Norte. O baixo volume de chuvas no ano passado continuou refletindo em queda na produtividade e qualidade no norte de Minas Gerais e em Bom Jesus da Lapa (BA), embora em menor intensidade que em 2015. No Sul e Sudeste, as adversidades climáticas no primeiro semestre e no início do segundo limitaram a produtividade dos bananais. Na segunda metade do ano, o inverno rigoroso no Sul e Sudeste atrasou o desenvolvimento da banana nanica e reduziu a qualidade (escurecimento da casca). Os efeitos das fortes geadas que atingiram os cachos, sobretudo no Vale do Ribeira (SP), foram observados por todo o segundo semestre e início de 2017. Assim, entre junho e novembro/16, a produtividade da nanica na região paulista caiu 55% frente à observada no mesmo período de 2015. No Norte de Santa Catarina, as geadas também causaram redução na oferta e na qualidade no segundo semestre, dificultando a comercialização tanto no mercado interno quanto no externo.

CITROS



FLORADAS SÃO SATISFATÓRIAS EM 2016, MAS PEGAMENTO É LIMITADO PELO CALOR

A safra de laranja 2016/17 teve boas floradas, mas o forte calor em outubro/15 ocasionou significativa queda de chumbinhos. Assim, a produtividade foi bastante limitada em 2016, resultando em uma das menores safras dos últimos anos. Para a temporada de 2017/18, produtores de laranja estão com floradas e “pegamento” satisfatórios. Embora seja cedo para estimar, acredita-se que a produção 2017/18 deva superar a atual (2016/17). O clima mais ameno e úmido no estado de São Paulo favorece o desenvolvimento das plantas. Além disso, a retomada dos investimentos em tratamentos culturais, impulsionada pelos maiores preços de 2016, reforça a expectativa de aumento na produção. Em anos de cotações em baixa, muitos produtores deixam de adubar os pomares, como ocorreu entre 2013 e 2015.

A photograph of a person's hand holding a bunch of fresh, orange carrots with green tops. The person is wearing a white shirt and blue jeans. The background is a lush green field of carrot plants under a clear sky.

Para ter bons resultados,
a parceria tem que ser
produtiva e de qualidade.

A Seminis oferece aos produtores uma grande variedade de sementes com alto potencial produtivo, que resultam em produtos saborosos e nutritivos para os consumidores. Parceria só é boa assim, quando todos são beneficiados.

CLIMA X OFERTA

MAMÃO



COM FALTA DE ÁGUA, ÁREA REDUZ QUASE 10%

Em 2016, a produção de mamão foi significativamente afetada pela crise hídrica. O norte do Espírito Santo, por exemplo, registrou expressiva queda de área de 18% em comparação a 2015, por conta da estiagem. Além do impacto em área (redução de 9,9% na soma das regiões acompanhadas pela Hortifruti/Cepea), a falta de água para irrigação dos pomares resultou em menor produtividade, o que limitou o volume disponível de mamão tanto ao mercado interno quanto ao externo. Apesar da volta das chuvas a partir de novembro/16, o clima voltou a ficar seco neste início de 2017 nas regiões capixabas de mamão. Mesmo que as precipitações retornem nos próximos meses, os efeitos da crise hídrica não serão revertidos imediatamente – nos últimos três anos, a região registrou chuva abaixo da média histórica. O Rio Grande do Norte também teve mais um ano de forte estiagem, principalmente em Baraúna e Mossoró, cenário que afetou a produtividade destas praças em 2016. Na Bahia, a utilização de água para irrigação foi limitada e, com isso, houve redução de novos plantios. Algumas lavouras baianas registraram mancha fisiológica, ácaros e menor produtividade.

MANGA



CLIMA SECO LIMITA PRODUTIVIDADE NO NE

No Vale do São Francisco, a oferta de manga durante o primeiro semestre de 2016 foi baixa frente ao potencial produtivo da região, devido ao clima excessivamente seco durante as floradas. Em Livramento de Nossa Senhora (BA), mangicultores passaram a maior parte do ano com permissão de irrigação apenas de “salvamento”, com 12 horas semanais. Segundo produtores, caso não haja retomada das chuvas em 2017, há preocupação até com morte de mangueiras. No norte de Minas Gerais, a temporada 2016 se iniciou em maio, com baixo volume de produção e atraso de cerca de um mês. Isso porque a florada de dezembro/15 foi prejudicada pelo excesso de calor, inviabilizando a produção de frutos para o período previsto. Com isso, houve necessidade de novas induções florais em janeiro e fevereiro/16. Já nas regiões paulistas, o frio intenso alterou o calendário de colheita, devido à necessidade de reinduções florais (principalmente para a manga *palmer*); após o desenvolvimento do fruto, o excesso de chuvas limitou a qualidade de algumas mangas.

MAÇÃ



SEM PREJUÍZOS COM GRANIZO OU GEADA, TEMPORADA 2016/17 DEVE SER POSITIVA

Para a temporada 2016/17, as condições climáticas foram muito favoráveis à maçã até o período de “pegamento”, em setembro/16. O frio, especialmente, foi bastante rigoroso, promovendo boa brotação e um elevado volume de flores. Além disso, a safra não teve prejuízos com granizos e geadas, intempéries que recorrentemente têm afetado a produção. Mesmo com elevado volume de chuvas na região Sul do País a partir de outubro/16, principalmente no Rio Grande do Sul, o “pegamento” não foi prejudicado. Desde o final de novembro/16, o clima tem sido ainda mais favorável, animando maleicultores para a colheita de 2017, que se iniciou no final de janeiro para a variedade gala. Vale lembrar que, na temporada 2015/16, granizo e geadas tardias reduziram em 20% o volume de maçãs frente à temporada anterior – alguns produtores chegaram a ter perdas de até 50%.

MELÃO



FALTA DE ÁGUA PERSISTE NO SETOR EM 2016

A área de melão acompanhada pelo Hortifruti/Cepea fechou o ano passado 6,3% menor em relação a 2015 – considerando-se as safras do Vale do São Francisco (BA/PE) e do Rio Grande do Norte/Ceará. De modo geral, a falta de água é que tem sido o fator limitante. No Vale, o racionamento de água, devido à baixa vazão do reservatório de Sobradinho (BA), fez com que produtores dessem prioridade para as frutíferas perenes e reduzissem o cultivo do melão – a redução de área nessa região foi de 10,5%. Neste cenário, a produtividade no Vale também esteve menor em 2016. Já no RN/CE, produtores reduziram em 4,2% o plantio na safra 2016/17 frente à temporada passada. A diminuição de área só não foi mais expressiva devido à migração para cidades próximas que ainda dispõem de água para irrigação, principalmente por parte de produtores mais capitalizados para tal investimento. Além do baixo nível dos reservatórios potiguaras, a água está mais salina, o que exige mais cuidado quanto à concentração de minerais na terra e pode ocasionar redução da produtividade e na qualidade da fruta.

DOS HFS 2016 (cont.)

MELANCIA

ÁREA REDUZ 20% EM TO DEVIDO AO BAIXO VOLUME DE CHUVA EM 2016



Em 2016, o clima adverso afetou a produção de melancia em diferentes regiões. No estado de São Paulo, o frio intenso no inverno e as altas temperaturas de dezembro prejudicaram a qualidade da fruta em 2016. Em Uruana (GO), a alta temperatura em abril e a baixa em junho/julho resultaram em menor qualidade da fruta (cascudas e ocas). Nesse período, compradores optaram por comprar melancias de Tocantins devido à melhor qualidade. Em Tocantins, a falta de água em 2016 reduziu em 19% a área total plantada em 2016. O baixo volume de chuva diminuiu a produtividade da região e reduziu a rentabilidade no final da temporada. Em Teixeira de Freitas (BA), a seca foi a principal vilã e os produtores ainda aguardam um clima mais chuvoso em 2017 para encher os níveis dos reservatórios locais. Por outro lado, na região Sul, é o excesso de chuvas que preocupa. Nas duas últimas temporadas, o elevado volume de precipitações fez com que a produtividade fosse menor e, assim, produtores se desestimularam com a cultura, reduzindo a área plantada no último ano. A menor produtividade e perdas de mudas, por sua vez, comprometeram a receita de boa parte dos produtores gaúchos.

UVA

CLIMA PREJUDICA PRODUÇÃO DE UVA DE MESA EM 2016



A área com uva em 2016 teve retração de 3% frente ao ano anterior, pressionada sobretudo pelo Paraná, dada as sucessivas safras de baixa rentabilidade, influenciadas pelo clima extremamente desfavorável à viticultura do estado. Em São Paulo, por sua vez, o calendário de colheita de algumas regiões, como Campinas e Porto Feliz, foi alterado –nesta última praça, a finalização da colheita foi antecipada, devido às chuvas, e a produtividade foi prejudicada. Em Jales (SP), as chuvas dificultaram as podas, que tiveram de ser refeitas, atrasando a safra e reduzindo o rendimento. Por fim, produtores das regiões paulistas de São Miguel Arcanjo e de Pilar do Sul enfrentaram um inverno rigoroso e prolongado, que atrasou as podas e, conseqüentemente, a colheita, que começou apenas em janeiro/17 quando deveria ter iniciado em dezembro/16. Já no Vale do São Francisco, houve perdas em produtividade e qualidade, tanto no primeiro quanto no segundo semestre. Na primeira metade do ano, apesar de normalmente a colheita já ser mais restrita, chuvas pontuais e a dificuldade com a irrigação por conta da baixa vazão dos reservatórios acarretaram em perdas. No segundo semestre, com vazão ainda mais baixa, a produção da uva sem semente foi prejudicada (queda na produtividade e qualidade), afetando até mesmo a exportação.

VAI CHOVER NA SUA HORTA EM 2017?

Apesar de o Cptec/Inpe relatar que há muitas incertezas quanto à previsão de chuvas nos próximos meses, a aposta é que, sem os grandes fenômenos climáticos (os chamados “ENOS”), 2017 deve ser um ano mais típico. Veja baixo resumo do que é padrão climático por trimestre nas principais regiões do País:

JANEIRO/FEVEREIRO/ MARÇO

As chuvas são frequentes em praticamente todo o País, com exceção do nordeste de Roraima e do leste do Nordeste. Nas regiões Sudeste e Centro-Oeste, os totais de chuva variam em torno de 300 mm a 700 mm. Na região Sul, totais de chuva de aproximadamente 450 mm ocorrem no Paraná e inferiores a 400 mm no sul e sudeste do Rio Grande do Sul.

ABRIL/MAIO/JUNHO

Este trimestre caracteriza-se pelos elevados totais de chuva no extremo norte da região Norte. O Sudeste e Centro-Oeste apresentam uma diminuição gradativa de precipitação. Historicamente, também há incursão de massas de ar frio que causam declínio acentuado de temperatura, em particular no Sul, Sudeste e Centro-Oeste e, por vezes, podem favorecer a formação de geadas, especialmente nas regiões serranas.

JULHO/AGOSTO/ SETEMBRO

As chuvas diminuem em grande parte do Norte nesta época do ano. No Nordeste, ainda chove entre o leste do Rio Grande do Norte e a Bahia. Neste trimestre, praticamente não chove em grande parte do Piauí e no oeste da Bahia. No Sudeste, as chuvas são bastante escassas. A entrada de massas de ar frio aumenta neste trimestre, causando declínio de temperatura no Sudeste e no Sul.

OUTUBRO/NOVEMBRO/ DEZEMBRO

O período é marcado pelo retorno das chuvas. No sul dos estados do Amazonas e Pará e no norte de Mato Grosso, os totais acumulados no trimestre podem chegar a 800 mm. No leste do Centro-Oeste e em grande parte do Sudeste, predominam totais pluviométricos entre 500 mm e 700 mm. No Nordeste, ainda predomina a estiagem. Neste período do ano, as temperaturas máximas são mais elevadas no Nordeste, e mais amenas no leste das regiões Sul e Sudeste. ■

Tomate protegido
por muito tempo
em uma só aplicação.
Se você acha impossível,
está na hora
de conhecer Durivo.

**Aumente suas expectativas.
Com Durivo, você pode mais.**

Chegou Durivo, o inseticida da Syngenta que elimina as pragas em apenas uma aplicação no solo durante a fase do plantio. Assim, ele protege a sua lavoura e prepara o seu tomate para um crescimento saudável durante todo o seu ciclo de desenvolvimento. Se você quer aumentar suas expectativas com as colheitas, use Durivo.

**PRONTO
PARA USAR**

Restrição de uso no Estado do Paraná. Consulte a bula do produto. Informe-se sobre e realize o manejo integrado de pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos.

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

**CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRÔNOMICO.**



c.a.s.a.
0800 704 4304

www.syngenta.com.br



 **Durivo**[®]

syngenta.





foto: José Carlos - Ribeirão Preto (SP)

Preços, enfim, sobem

Oferta reduzida e maior procura devem valorizar alface em SP

As alfaces podem se valorizar em fevereiro em Mogi das Cruzes e Ibiúna (SP), uma vez que a produtividade está baixa e a demanda pode aumentar, como normalmente ocorre. Devido aos prejuízos com a safra de inverno em 2016 e à baixa comercialização no começo da safra de verão, produtores acabaram diminuindo a produção no início deste ano. Além disso, o calor e as chuvas volumosas em janeiro reduziram a qualidade da alface, diminuindo ainda mais a oferta nos campos. Essas características climáticas devem continuar em fevereiro, o que pode acentuar as perdas no campo e elevar as cotações das alfaces. Em janeiro, a variedade crespa foi comercializada a R\$ 8,21/cx com 20 unidades em Ibiúna (SP), alta de 20% frente a dezembro.

Tranplântio aumenta em fevereiro, mas cai em relação ao ano passado

O tranplântio de alface nas roças paulistas deve aumentar neste mês em relação a janeiro, pois há expectativa de maior consumo de alfaces em fevereiro e março. Entretanto, de acordo com colaboradores do Hortifruti/Cepea, a procura por mudas neste início de ano está menor em relação ao mesmo período de 2016. Nesse cenário, a previsão é que a área destinada ao plantio de folhosas, em Ibiúna, tenha queda de 5% nesta safra de verão 2016/17 quando comparada com a de 2015/16. O recuo na área em São Paulo também pode ser

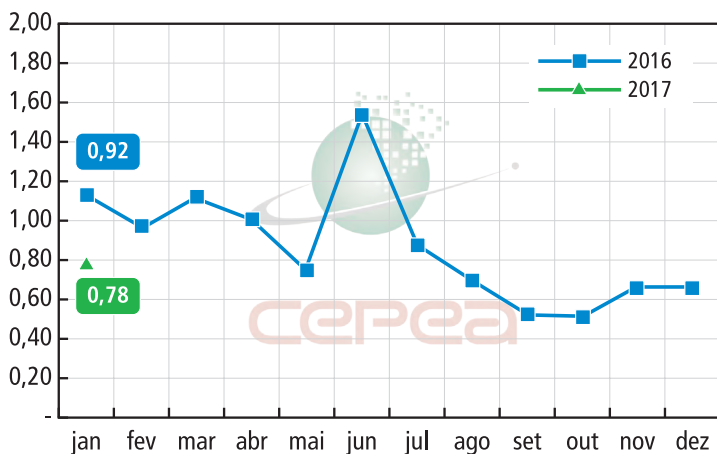
explicado pela oferta elevada no início da safra de verão e pelos altos custos.

Produção em MG deve ser menor neste mês

Com a baixa rentabilidade no início da safra de verão (entre dezembro e janeiro), produtores de Mário Campos e Caeté (MG) podem diminuir os investimentos na produção de folhosas entre fevereiro e março. Além disso, também há possibilidade de perdas decorrentes das chuvas de verão e da virose vira-cabeça que, apesar de controlada, ainda prejudica algumas plantações. As possíveis perdas e a menor área de plantio podem reduzir o volume nas praças mineiras em fevereiro e março, e os preços podem aumentar nestes meses. Em dezembro/16, a alface se desvalorizou em Minas Gerais. As chuvas naquele mês controlaram a proliferação da tripses (praga transmissora do vira-cabeça) e, desta forma, as perdas diminuíram e a oferta subiu na região. Além disso, a demanda esteve enfraquecida no início da safra de verão. A oferta elevada e a baixa procura em Minas Gerais fez com que parte da mercadoria fosse descartada, resultando em prejuízos a produtores do estado.

Chuvas podem reduzir oferta no RJ

O volume de alface em Teresópolis (RJ) deve ser menor em fevereiro devido às chuvas no início do ano, que podem diminuir a qualidade das folhosas e elevar as perdas. Com isso, a expectativa é que haja reação nos preços. Além disso, as vendas devem ser maiores neste mês, uma vez que o retorno das aulas tende a aumentar a procura pela alface. Em janeiro, as cotações foram abaixo do valor mínimo de produção. A média foi de R\$ 0,34/unidade da variedade crespa, e o custo mínimo foi estimado em R\$ 0,39/unidade. Se os preços não reagirem, a área de produção em Teresópolis pode diminuir, uma vez que muitos produtores estão endividados devido à baixa rentabilidade no início da safra. Mesmo com a baixa qualidade das folhosas em janeiro, a oferta foi elevada e a procura esteve enfraquecida, o que impossibilitou a valorização da alface.



Preço da americana começa o ano em alta

Preços médios de venda da alface americana no atacado de São Paulo - R\$/ unidade

Fonte: Cepea





Gabriela

Alface Crespa Roxa

Planta: • De grande porte, rústica e tropicalizada
Folhas com bordos crespos e coloração roxa intensa e brilhante
• Excelente pós-colheita

Ciclo: 30 - 45 dias após o transplante

Tolerâncias/Resistências: Tip Burn, Pendoamento Precoce



WINNERS
OS PRODUTOS VENCEDORES



(054) 2109.4444
www.sementesfeltrin.com.br



foto: João Staron - Contenda (PR)

Safra das águas tem cotações próximas dos custos

Elevada produtividade derruba preços

Desde o início da safra das águas 2016/17 (novembro/16), os preços da batata estão em patamares próximos ou abaixo dos custos de produção dado o excesso de oferta. A elevada produtividade devido às boas condições climáticas é o principal fator que resulta na boa disponibilidade. Na média de todas as regiões, de novembro/16 a janeiro/17, a produtividade foi de 39 t/ha, 30% superior à média do mesmo período passado. Já a área cultivada com batata teve ligeiro aumento de 6% na temporada das águas. O preço médio da ágata beneficiada na parcial da safra fechou em R\$ 40,77/sc de 50 kg, 2,65% abaixo dos custos. Na comparação com o mesmo período anterior, as cotações estão 57,81% menores. Se as condições climáticas continuarem favorecendo a produtividade no decorrer da safra, a oferta deve seguir elevada. No entanto, a partir deste mês, período de retomada das aulas, a demanda das merendas pode aumentar e elevar as cotações.

Paraná encerra safra com resultados negativos

Produtores de Curitiba, Irati, Ponta Grossa e São Mateus do Sul (PR) encerram a safra das águas 2016/17 com resultado negativo. Até o final de janeiro, 90% da área total cultivada com batata nessas regiões havia sido colhida e comercializada. De novembro à janeiro, o preço recebido por produtores paranaenses, ponderado pelo calendário de co-

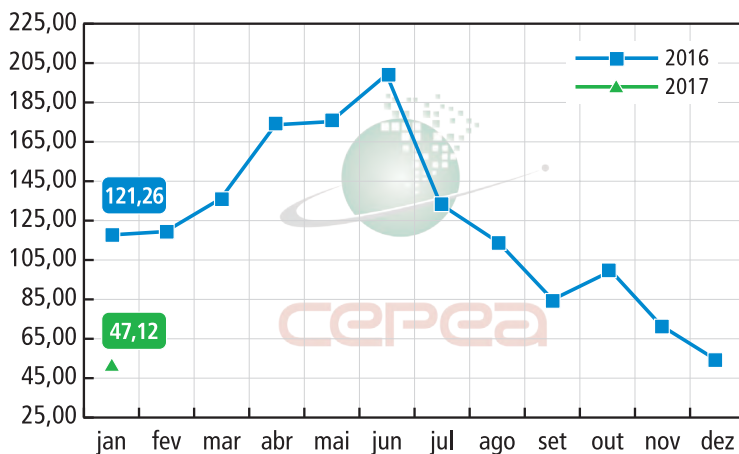
lheita e classificação, foi de R\$ 33,70/sc 50 de kg, valor 15% inferior às estimativas de custos de produção, de R\$ 39,38/sc. De modo geral, essas praças apresentaram boa produtividade, com média de 37,5 t/ha, e batatas de boa qualidade na maior parte da safra. De acordo com produtores, não foram registrados problemas fitossanitários significativos durante a temporada. Diante dos resultados insatisfatórios, é possível que haja redução na área cultivada no Paraná na temporada das secas 2017, cujo cenário pode ser confirmado em fevereiro.

Mesmo com fim de colheita no PR, oferta deve seguir elevada

Apesar do encerramento da safra das águas no Paraná, a disponibilidade de batata pode continuar alta em fevereiro e março, caso o clima se mantenha favorável à produção. Isso porque o Sul de Minas Gerais ofertará bastante mercadoria. Em fevereiro, podem ser colhidos 35% dos 8.500 mil hectares cultivados na temporada na região mineira e, em março, mais 20%. Além disso, as praças do Triângulo Mineiro e Água Doce (SC) devem intensificar a colheita.

Com déficit hídrico, GO e BA podem reduzir área

Além de a Chapada Diamantina (BA) enfrentar forte crise hídrica há alguns anos, a região de Cristalina (GO) também está com disponibilidade limitada de água para irrigação. O problema com o déficit hídrico pode resultar em redução de área em ambas as regiões. Produtores de Cristalina acreditam que se o baixo índice de precipitações seguir em fevereiro e março, a área pode diminuir até 30% neste ano. A Chapada Diamantina, que já reduziu bastante a área em anos anteriores devido à falta de água, pode ter queda entre 15% e 20%, de acordo com produtores. Esse cenário ainda vai depender do regime pluviométrico nos próximos meses, principalmente em fevereiro e março, os mais chuvosos. Além disso, os preços baixos desde novembro de 2016 até o início deste ano são outro fator que pode diminuir a área plantada.



Preço começa 2017 bem abaixo do de janeiro/16

Preços médios de venda da batata ágata no atacado de São Paulo - R\$/sc de 50 kg

Fonte: Cepea



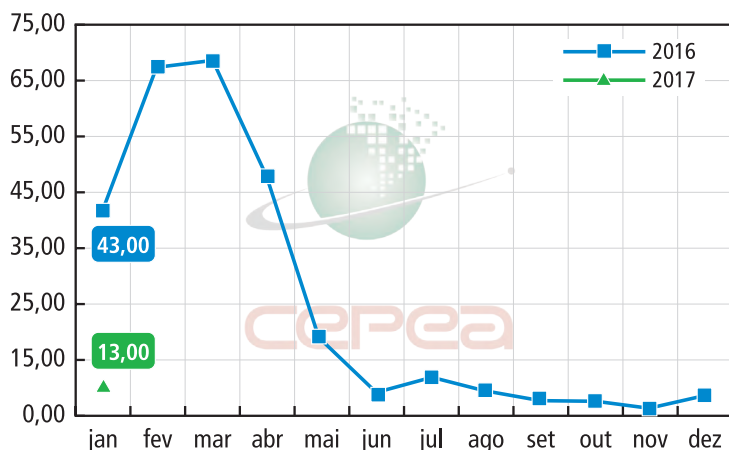


Menor oferta é esperada para fevereiro

Queda na produtividade reduz oferta em MG

A oferta de cenoura em São Gotardo (MG) deve diminuir em fevereiro, devido a problemas de bifurcação nas raízes. Uma ligeira redução na disponibilidade já foi observada no final de janeiro, levando a reações de preços que, no entanto, ainda não ultrapassaram os custos de produção, que também se elevaram. Na parcial da safra verão (dezembro/16 a janeiro/17), a caixa de 29 kg da cenoura “suja” foi comercializada a R\$ 12,85, valor 20% abaixo das estimativas de custos. Em relação ao mesmo período da temporada passada, quando a caixa era vendida a R\$ 43,00, os atuais níveis estão 70% inferiores. Os menores patamares estão atrelados à maior oferta em relação à safra anterior, impulsionada pelo clima favorável ao desenvolvimento das lavouras. Na temporada passada, ao contrário, as constantes chuvas (*El Niño*) causaram uma forte quebra na produção, elevando os preços a níveis recordes. Entre dez/16 e jan/17, a produtividade média foi de 52 t/ha, ante os 47 t/hectares de jan/16 e fev/16, primeiros meses da safra de verão 2015/16. Em janeiro de 2017, no entanto, a produtividade caiu um pouco, mas continua em níveis elevados, o que ainda limita uma alta significativa nas cotações. Para os meses seguintes, as condições climáticas continuarão ditando o rumo da oferta de cenoura.

Clima será determinante para área na Bahia



Após meses em baixa, preço se recupera em janeiro

Preços médios recebidos por produtores de São Gotardo pela cenoura “suja” na roça - R\$/cx 29 kg



Fonte: Cepea

A escassez de chuva, agravada em janeiro, e os prejuízos amargados no último semestre de 2016 podem limitar a área destinada ao plantio de cenoura em Irecê (BA) neste ano. Agentes aguardam o comportamento do clima em fevereiro, quando historicamente inicia o regime regular de chuvas, para direcionar os investimentos. A preocupação é com volumes pluviométricos abaixo do ideal, o que causou significativas perdas na temporada de inverno. A dificuldade de retirada de água elevou os custos com irrigação. Por enquanto, o desenvolvimento das raízes tem sido aquém do esperado na BA. Há, também, maior incidência de lagarta de solo e oídio, que aumentam a necessidade de uso de defensivos, ampliando ainda mais os desembolsos. Nesse cenário, produtores estimam uma queda de 15% na produtividade das lavouras, frente à safra passada. Além disso, a qualidade abaixo do esperado leva produtores a descartar grande parte do volume colhido. Mesmo com a menor oferta na região, os preços da cenoura não reagiram com força em janeiro, por conta justamente da baixa qualidade. A caixa de 20 kg da raiz “suja” foi comercializada por R\$ 8,40 no primeiro mês de 2017, valor 42,8% abaixo dos custos de produção.

Sul encerra safra de inverno com resultados insatisfatórios

A safra de inverno de cenoura em Caxias do Sul (RS) se encerrou em janeiro com rentabilidade estreita. A alta produtividade nos meses de colheita (julho a fevereiro) manteve a oferta de cenoura elevada ao longo da temporada, com preços muito próximos aos custos de produção. A média da caixa de 29 kg de cenoura “suja” em Caxias do Sul foi de R\$ 12,63 de julho a janeiro, valor apenas 2% acima das estimativas de custos. No Paraná, a oferta também foi elevada durante toda a safra, não havendo demanda para absorver toda a produção, o que obrigou alguns produtores a gradear as últimas áreas entre final de janeiro e início de fevereiro. A caixa de 29 kg de cenoura “suja” foi comercializada na média de R\$ 9,82 de agosto a janeiro, valor 21% abaixo dos custos.



Acesse!
hfbrasil.org.br



foto: Lulimar de Campos - Unai (MG)

Tomate pode se valorizar somente em março

Oferta ainda será elevada em fevereiro

Produtores que cultivam tomate de verão devem reduzir o ritmo de colheita somente a partir de março. Neste cenário, a partir deste período, os preços podem aumentar. Estima-se que 16% da área total acompanhada pelo Hortifruti/Cepea, que inclui as regiões de Caçador (SC), Itapeva (SP), Venda Nova do Imigrante (ES), Nova Friburgo (RJ), Caxias do Sul (RS), Agreste Pernambucano (PE) e Reserva (PR), deve ser colhida em março. Tanto a área quanto à oferta devem ser menores na temporada de verão no próximo mês, por causa das temperaturas mais amenas em março, que podem segurar um pouco a maturação. Assim, além da colheita mais gradual, o prolongamento do ciclo de desenvolvimento deverá resultar em tomates mais graúdos, valorizando o produto. Em fevereiro, a quantidade de tomates deve continuar alta, com valores ainda baixos ao produtor. Isso porque, neste mês, deve ter pico de safra de verão, com colheita de 22% da área. Mais de 90% dos hectares destinados à tomaticultura já foram transplantados, portanto, a safra de verão pode ser finalizada em maio.

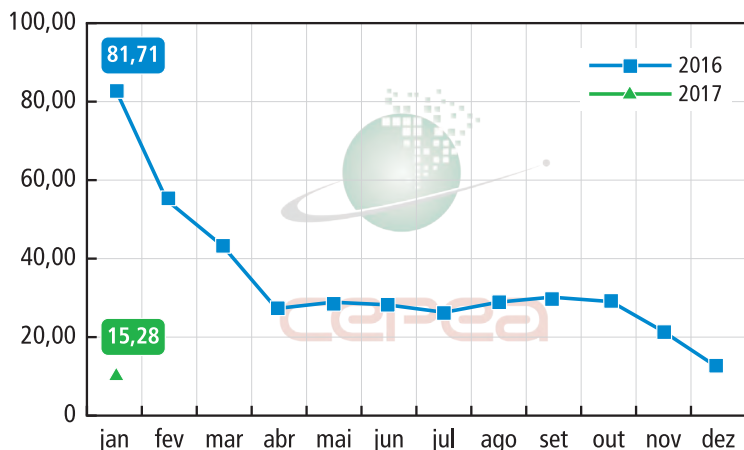
Transplântio da 1ª parte da safra de inverno tem início intenso

Em fevereiro, o transplântio das lavouras da primeira parte da safra de inverno deve ser intenso e cerca de 26% da área total deve receber novas mudas. Apesar das elevadas temperaturas e das

chuvas, sobretudo no Sudeste, as atividades de campo seguiram dentro do calendário até janeiro. No entanto, há preocupação com a incidência de fungos de solo, que pode causar o tombamento do tomateiro. Com exceção do Sul de MG, a maioria das regiões iniciou o transplântio em janeiro e deve encerrar entre junho e julho. Ao contrário dos anos anteriores, produtores de Araguari (MG) atrasaram o calendário, começando as atividades em janeiro, para não coincidir com o pico da colheita de Caçador (SC). Além disso, as chuvas em dezembro/16 atrapalharam os preparativos tanto em SC quanto no Norte do Paraná, onde muitos produtores não conseguiram entrar com as máquinas no campo para realizar os tratos culturais. De maneira geral, os primeiros lotes da primeira parte da safra de inverno devem ser colhidos em abril. A expectativa é de produtividade dentro da média nessa temporada.

Seca no Nordeste limita produção de tomate

A seca que predomina o Nordeste nestes primeiros meses de 2017 tem prejudicado a produção de tomate. No Agreste Pernambucano, onde se produz tomate rasteiro para mesa, a expectativa era de aumento de área na safra de 2017, por conta do *La Niña*, que aumenta as chuvas na região. Entretanto, o cenário não se confirmou e o índice hídrico no Nordeste permaneceu pequeno. Assim, sem chuvas e com preços baixos, a tendência é de redução de área de 1.600 para 1.200 hectares, conforme levantamentos do Hortifruti/Cepea. A Serra da Ibiapaba (CE) é outra região que também pode reduzir sua área neste ano (de 840 para 800 hectares), devido aos elevados custos, baixas cotações e precipitações aquém do necessário para a cultura. Cenário semelhante ocorre na Chapada Diamantina (BA), que segue com déficit hídrico há seis anos e pode, em 2017, diminuir o cultivo. Em Irecê (BA), as chuvas entre fevereiro e maio deste ano vão ditar o rumo da produção de tomate no Nordeste. A preocupação dos produtores locais continua, diante dos atuais baixos níveis dos poços da região.



Preço em janeiro é 81% menor que janeiro/16

Preços médios de venda do tomate salada 2A longa vida no atacado de São Paulo - R\$/cx de 22 kg

Fonte: Cepea



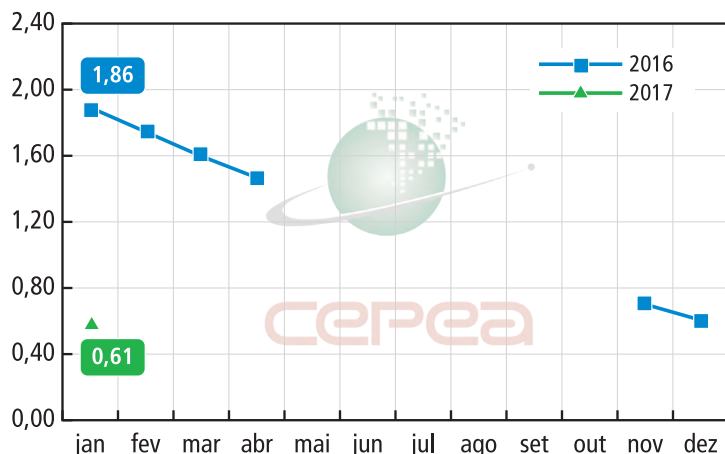


foto: Enio dos Santos - Ituporanga (SC)

Estoques elevados no Sul preocupam produtor

Oferta deve seguir elevada em fevereiro

O volume de cebola armazenada no Sul do País continua alto. Devido ao clima favorável, a temporada 2016/17 tem apresentado cenário bem diferente de 2015/16, quando houve quebra de safra de aproximadamente 50%. A produtividade está satisfatória nos três estados do Sul: em Ituporanga (SC), por exemplo, a média foi de 31,6 t/ha em janeiro, 15,8% maior que no mesmo mês do ano passado, quando foi de 15,8 t/ha em média. Além disso, não haviam sido registrados danos significativos às cebolas devido a problemas fitossanitários até o fechamento desta edição, uma pequena parcela das cebolas crioulas apresentou bico d'água, mas como o volume afetado é pequeno, não causou impacto na oferta. A praça catarinense finaliza a colheita em fevereiro, e a comercialização dos bulbos estocados em galpões pode seguir até maio. Em Irati (PR) e em São José do Norte (RS), todas as cebolas já foram colhidas; porém, a comercialização estava lenta até o início de fevereiro, cenário que deve seguir até maio. Em janeiro de 2016, o preço médio da cebola na roça de Ituporanga era de R\$ 1,86/kg, devido à escassez do produto; em janeiro de 2017, porém, foi de R\$ 0,54/kg. Segundo colaboradores do Hortifruti/Cepea, a preocupação de produtores é que os bulbos estocados percam qualidade com o passar do tempo, uma vez que o volume é alto e está com pouco escoamento.



Preço em SC era 3 vezes maior em janeiro/16

Preços médios recebidos por produtores de Ituporanga (SC) pela cebola na roça - R\$/kg

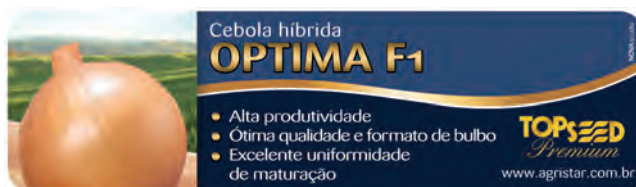
Fonte: Cepea

Clima e preço baixo podem reduzir área em GO

O plantio de cebola da safra 2017 em Cristalina (GO) se inicia em fevereiro, e a área deve ter recuo de cerca de 15%. A colheita está prevista para começar em maio e seguir até novembro. Contudo, a previsão de chuvas para fevereiro pode atrapalhar o preparo da terra para o semeio e atrasar o início da safra. Em 2016, os preços da cebola foram pouco satisfatórios em toda a temporada, o que inibiu os investimentos para este ano. Além disso, Cristalina passa por um sério déficit hídrico, o que limita ainda mais o investimento na cultura. A maior cotação média da caixa 3 beneficiada foi registrada logo no início da safra, em junho/16, de R\$ 1,17/kg, e o menor preço foi registrado em setembro/16, de R\$ 0,62/kg. Na média de toda a temporada, o custo de produção foi de R\$ 0,62/kg, enquanto as cotações tiveram média de R\$ 0,77/kg (ponderados pelo calendário de colheita e classificação), apenas 19% superior aos custos. Apesar da expectativa de recuo de 15% na área de cebola em Cristalina, como o calendário de plantio é extenso, ainda podem haver mudanças na tomada de decisão dos produtores.

Transplântio de bulbinhos se inicia em SP

O transplântio da safra de bulbinhos de Piedade e Divinolândia (SP) começa em fevereiro, com cerca de 80% das mudas transplantadas no mês. A estimativa do Hortifruti/Cepea é de que a área se mantenha nesta temporada, uma vez que, no ano passado, a colheita ocorreu antes da acentuada queda nos preços, em junho. Como o cultivo das mudas foi realizado entre agosto e novembro/16, as chuvas volumosas em janeiro não as afetaram, já que os bulbinhos já estavam armazenados nos galpões aguardando o transplântio, que ocorre entre fevereiro e março. Contudo, as precipitações podem fazer com que produtores não consigam preparar o solo de maneira adequada ao plantio. A colheita nessas praças está prevista para os meses de maio a julho.





Plantio se inicia em fevereiro no Vale

O plantio de melão da safra principal no Vale do São Francisco (BA/PE) deve se iniciar em fevereiro. Segundo colaboradores do Hortifruti/Cepea, a atividade está atrasada, pois deveria ter começado em janeiro. No entanto, produtores não realizaram o plantio, pois temiam chuvas na região. Neste cenário, a colheita da nova temporada está prevista para abril. A expectativa para o primeiro semestre de 2017 no Vale é de oferta bem distribuída de melão, o que pode conferir estabilidade nos preços no período. Quanto à área de cultivo nesta safra, deve se manter em relação a 2016. O baixo volume útil do reservatório de Sobradinho (BA) preocupa produtores, mas não deve prejudicar o desenvolvimento dos melões na região, já que a irrigação ainda não está comprometida.

Oferta diminui no RN/CE

A oferta de melão na região produtora do Rio Grande do Norte/Ceará já começou a diminuir entre o fim de janeiro e começo de fevereiro. As últimas mudas das variedades nobres foram plantadas nesse período e a colheita deve finalizar em março. A variedade amarelo, por sua vez, pode ser colhida na entressafra (de abril a julho), mas em volume restrito. Isso porque as atividades de campo para colher neste período ainda dependem do regime de chuvas – a probabilidade de precipitação nesta região do País é de dentro até abaixo da normal climatológica entre

fevereiro e abril, de acordo com o Inmet. Com expectativa de menor oferta no segundo mês do ano, as cotações podem se alavancar no mercado doméstico.

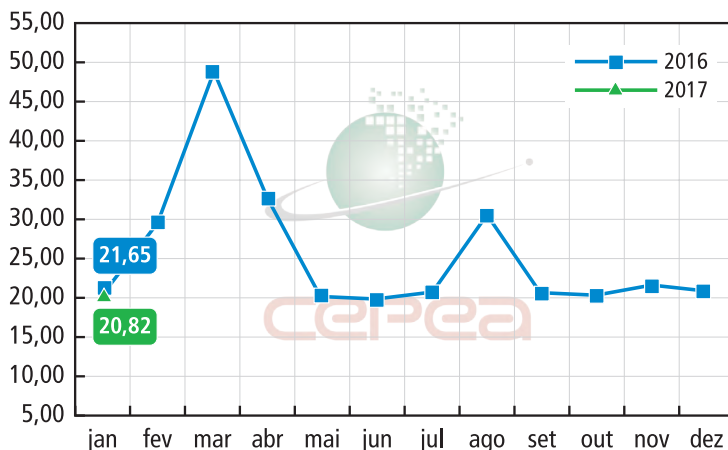
Exportação pode ser mais fraca em fevereiro

As exportações de melão da temporada 2016/17 devem ser menos intensas em fevereiro, com previsão de término em março. Na parcial da temporada do Rio Grande do Norte/Ceará (agosto/16 a janeiro/17), foram enviadas 198 mil toneladas, sendo 96% apenas para a União Europeia, segundo a Secex. O volume teve ligeiro aumento de 3% em relação ao mesmo período da temporada anterior. Por outro lado, a receita foi equivalente a US\$ 131 milhões, valor 2% menor no mesmo período comparativo. De acordo com colaboradores do Hortifruti/Cepea, os envios vinham satisfatórios até o início de dezembro/16. Porém, nesta reta final da temporada, importadores europeus estão mais receosos quanto às compras, já que a oferta da fruta brasileira está maior que a demanda no continente. Assim, houve até mesmo quebras de contratos. Com maior oferta, os valores negociados foram abaixo do esperado. O preço do melão amarelo brasileiro que chegou ao Reino Unido (New Covent Garden e New Spitalfields) até 28 de janeiro teve média de US\$ 10,38/cx de 10 kg, segundo dados do AMS/USDA.

Vendas seguem calmas e pressionam cotações no início de 2017

Assim como em dezembro/16, a comercialização de melão segue lenta neste início de ano na Ceagesp. De acordo com atacadistas, o escoamento do melão foi abaixo da expectativa mesmo durante o período de festas de fim de ano, quando a procura pela fruta normalmente aumenta. Após a virada de ano, comerciantes constataram que o volume vendido foi, até mesmo, menor em relação ao mesmo período de 2015. Em janeiro, os preços do melão amarelo tipos 6 e 7 na Ceagesp caíram 4,6% frente aos de dezembro/16.

Oferta do Vale no primeiro semestre deve ser bem distribuída



Preço do amarelo começa 2017 com leve queda

Preços médios de venda do melão amarelo tipo 6-7 na Ceagesp - R\$/cx de 13 kg

Fonte: Cepea



Acesse!
hfbrasil.org.br



foto: Cezar Liborio

Oferta nacional deve ser baixa em fevereiro

Vale e SP devem ser os principais ofertantes

Os pomares do Vale do São Francisco (BA/PE) e de São Paulo serão os únicos a ofertar manga no mercado em fevereiro, o que pode manter os preços firmes. De acordo com mangicultores paulistas, nestes primeiros meses do ano a oferta deve ser basicamente de *palmer*, principal variedade a passar por reindução floral em meados de julho/16. Contudo, a variedade enfrenta outros problemas que dificultam sua consolidação no mercado paulista, como problemas com bactéria, que resultam em perda parcial ou total do valor de venda, impossibilitando inclusive a comercialização com as processadoras. Segundo colaboradores do Hortifruti/Cepea, cerca de 60% do volume da variedade já foi colhido em 2016 e o restante será escalonado neste primeiro trimestre. Já no Vale do São Francisco, a partir deste mês, já deve haver um ligeiro aumento na oferta, mas ainda não em volume suficiente para pressionar fortemente os preços.

Ritmo de processamento é bom em SP

As expectativas quanto ao processamento de manga na safra 2016/17 são positivas no estado de São Paulo. Entre outubro/16 e janeiro/17, as indústrias já haviam processado volume equivalente ao total da safra paulista 2015/16, que teve início em outubro/15 e terminou em março/16. Neste ano, segundo colaboradores do Hortifruti/Cepea, a moagem deve seguir até março, acompanhando

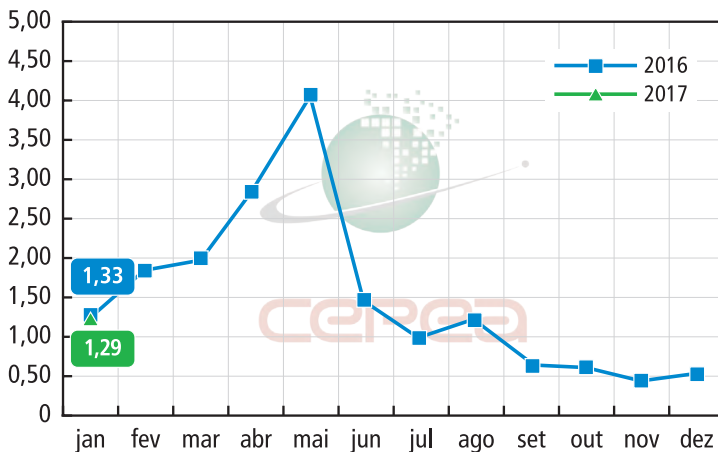
o calendário de colheita em São Paulo. Além da produção de polpas acima do esperado, a indústria também conta com demanda aquecida pelo produto no exterior. Com relação aos preços pagos pela fruta, na média desta temporada (nov/16 a jan/17) a *tommy* teve remuneração de R\$ 0,55/kg, baixa de 27% em relação à média da safra passada.

Exportação da manga brasileira pode ser positiva novamente

As exportações brasileiras de manga podem ser novamente favorecidas em 2017. Isso porque a Coreia do Sul passará a importar a fruta do Brasil este ano. A população daquele país, de 50,22 milhões, consome cerca de 10 mil toneladas de manga por ano, segundo publicações na mídia. Nesse cenário, esse novo mercado pode representar uma grande oportunidade ao Brasil, que, junto a outros países, deve suprir a demanda da Coreia do Sul. Segundo o diretor de *marketing* da Valexport, Caio Coelho, os primeiros envios ao país sul-coreano devem ocorrer já neste primeiro semestre. Em 2016, os embarques de manga geraram, pelo terceiro ano consecutivo, a maior receita entre as frutas enviadas ao mercado externo. De acordo com a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), no ano passado, foram exportadas 154 mil toneladas de manga, volume 1% inferior ao de 2015. O valor recebido pelas exportações totais da fruta em 2016 somou US\$ 180 milhões, 2% menor na mesma comparação.

Hortifruti/Cepea passa a acompanhar mangicultura do Ceará

O alcance das análises do Hortifruti/Cepea será ampliado este ano. Em janeiro, a equipe passou a considerar o mercado de manga nas regiões de Beberibe e Mauriti, no Ceará. Segundo o IBGE, em 2015, aquele estado era o quinto maior produtor da fruta no Brasil, com área plantada de 5.662 hectares, e produzindo 45 mil toneladas por ano, com produtividade média de 8 t/ha. Se você, leitor, produz, ou conhece alguém que produza manga nessa região, compartilhe suas informações e colabore com o Hortifruti/Cepea!



Preço reage em janeiro

Preços médios recebidos por produtores de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA) pela *tommy atkins* - R\$/kg

Fonte: Cepea





foto: Rafael Henrique

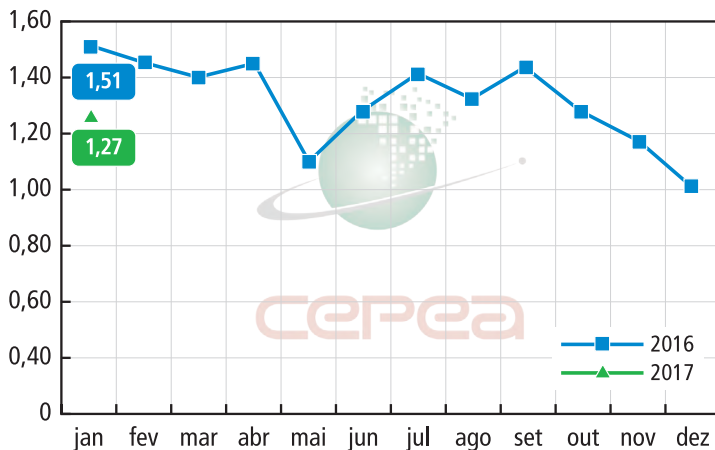
Demanda pode ser maior com altas temperaturas e volta às aulas

Oferta restrita no RS pode sustentar cotações

A disponibilidade de melancia em fevereiro pode ser menor no mercado. Quanto à demanda, pode ser aquecida com o retorno das aulas e com as altas temperaturas. Neste cenário, as cotações da fruta tendem a atingir patamares superiores aos de dezembro/16 e janeiro/17. Isso porque a oferta deve ser menor no Rio Grande do Sul, em função da redução da área plantada, principalmente na região de Bagé. Além disso, em Encruzilhada do Sul, a qualidade das melancias pode ter sido impactada pelo grande volume de chuvas desde o Natal até meados de janeiro. Nesta região, as frutas podem ter tamanhos menores, mas a produtividade segue melhor que a de 2016. O Rio Grande do Sul deve continuar abastecendo os principais centros consumidores até o fim de março. Encruzilhada do Sul tem previsão de finalizar da colheita no final de fevereiro. Em Bagé deve ter início na segunda semana deste mês, seguindo até março. A região produtora de Arroio dos Ratos finalizou a colheita no fim de janeiro, com rentabilidade unitária positiva. Segundo colaboradores do Hortifruti/Cepea, as temperaturas amenas e o excesso de umidade na região causaram a incidência de doenças, como míldio e antracnose.

Colheita na BA é retomada em fevereiro

A colheita de melancia na região de Teixeira de Freitas (BA) deve ser retomada em fevereiro,



Preços se recuperam no início de 2017

Preços médios de venda da melancia graúda (>12 kg) na Ceagesp - R\$/kg

Fonte: Cepea

porém com menor oferta de frutas. Inicialmente, produtores estimavam colher ao redor de 2.500 hectares durante os meses de fevereiro e março, mas a falta de chuva e os baixos preços praticados durante a primeira parte da temporada (novembro a dezembro/16) desestimularam investimentos na segunda. Na primeira parte da safra, o preço médio da fruta graúda (>12 kg) foi de R\$ 0,47/kg na região, 39% inferior ao mesmo período de 2015. Assim, produtores reduziram o plantio para cerca de 1.500 hectares. Neste cenário, a expectativa é de que os preços se recuperem durante a segunda parte da safra. Quanto à qualidade e à produtividade, colaboradores do Hortifruti/Cepea indicam que o clima seco tende a beneficiar a produção de melancia. Apesar da falta de chuvas, com a redução da área de plantio, a água disponível para irrigação das lavouras deve ser suficiente para garantir um bom desenvolvimento das plantas.

Resultados limitados na safra podem reduzir plantio da safrinha em SP

Em janeiro e fevereiro, Itápolis e Presidente Prudente (SP) estão realizando o plantio da safrinha de melancia. Já Oscar Bressane (SP) iniciou o plantio da safrinha em dezembro. A colheita no estado, por sua vez, está prevista para começar em março, segundo colaboradores do Hortifruti/Cepea. Em um primeiro momento, produtores estimam plantar uma área 21% menor que a da safrinha de 2016, com o objetivo de conseguir preços melhores do que os da safra principal 2016/17. Naquela temporada (de outubro/16 a janeiro/17), a melancia graúda (>12 kg) teve média de R\$ 0,44/kg, valor 16,5% abaixo da temporada 2015/16. Pesou sobre as cotações a oferta elevada nas regiões de Oscar Bressane, Itápolis e Presidente Prudente (SP). Por outro lado, a produtividade e a qualidade da safra foram consideradas superiores aos anos anteriores, segundo colaboradores do Hortifruti/Cepea, minimizando os custos por quilo e permitindo, mesmo com os valores mais baixos, rentabilidade unitária positiva aos melancicultores paulistas.



Acesse!
hfbrasil.org.br



Mamão formosa pode se valorizar em fevereiro

Previsão de menor oferta de formosa pode impulsionar preços no mês

As cotações do mamão formosa podem reagir em fevereiro, devido à queda da oferta nas principais regiões produtoras. Como essa redução deve ocorrer somente na segunda quinzena do mês, a fraca comercialização e os preços baixos do havaí serão fatores determinantes para uma maior valorização. Em janeiro, o cenário foi marcado pelo excesso das variedades havaí e formosa, o que pressionou os preços. Apenas no Norte de Minas Gerais foi onde produtores conseguiram manter melhores preços.

Rentabilidade pode ser positiva em fevereiro

Com a redução do volume de mamão em fevereiro e o possível aumento nos preços, a rentabilidade unitária da variedade formosa pode ser positiva nas regiões produtoras acompanhadas pelo Hortifruti/Cepea. Em janeiro, as baixas cotações foram resultado do alto volume disponível e da demanda enfraquecida nos principais mercados consumidores. Contudo, mesmo com os custos de produção em alta e a queda nas cotações no mês passado, a variedade formosa foi vendida pelos produtores do Oeste da Bahia 29% acima do mínimo estimado para cobrir os custos. Nesse mesmo período, a cotação do havaí no Sul da BA foi de R\$ 0,36/kg, 47% menor que o valor mínimo. Vale lembrar que a oferta elevada de formosa e havaí foi

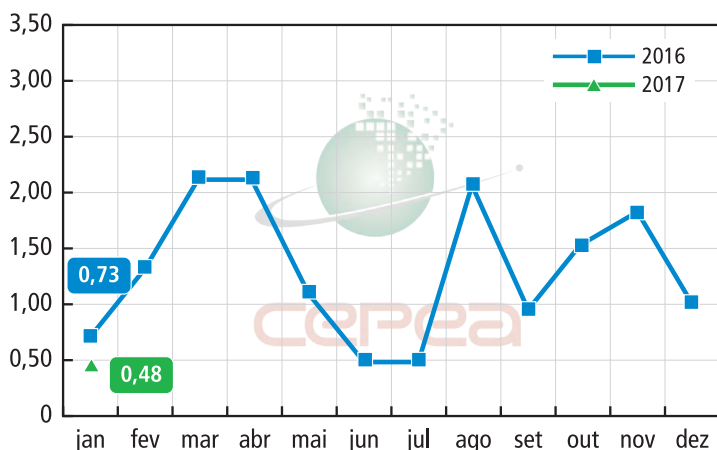
notada principalmente no norte do Espírito Santo. De outubro/16 a janeiro/17, a rentabilidade unitária do mamão havaí foi negativa no Espírito Santo: o preço foi de R\$ 0,41/kg em janeiro, 33% menor que o valor mínimo estimado para cobrir os custos de produção no mês. Já o formosa foi vendido nesta região a R\$ 0,38/kg, 20% menor em mesma comparação.

Captação de água volta a ser restrita no ES

Com a falta de chuva no Espírito Santo, principalmente nas regiões noroeste e norte, as vazões dos principais rios capixabas atingiram novamente níveis críticos em janeiro, segundo notícias veiculadas na imprensa. Por isso, o governo do ES proibiu novamente, em todo o estado, a captação de água das 5h às 18h para fins que não sejam o abastecimento humano. Assim, a captação para irrigação somente pode ser realizada no período noturno, dificultando o trabalho do mamocultor.

Exportações podem voltar a aumentar neste ano

Os envios de mamão ao exterior podem voltar a aumentar neste ano. Isso porque a produtividade e a qualidade da fruta devem melhorar com o clima mais favorável. Em 2016, as exportações brasileiras de mamão recuaram frente a 2015, devido ao clima adverso que afetou a produtividade e a qualidade da fruta nas principais regiões produtoras. Além disso, teve a concorrência com outros países exportadores, principalmente o México. No ano passado, as exportações de mamão somaram 37,9 mil toneladas, volume 5% menor do que no ano anterior, segundo a Secex. O Espírito Santo foi responsável pela exportação de 35% do total, se mantendo como o maior exportador da fruta no Brasil. Em receita, os envios totalizaram US\$ 43 milhões, queda de 1% na mesma comparação. O ano de 2017 já começou bem e as exportações em janeiro registraram aumento de 3% em receita e 8% em volume comparado ao mesmo mês do ano anterior.



Preço do formosa cai em janeiro, mas pode voltar a subir em fevereiro

Preços médios recebidos por produtores pelo mamão formosa, em R\$/kg (exceto RN)

Fonte: Cepea





foto: Taccio Rocha - Amparo (SP)

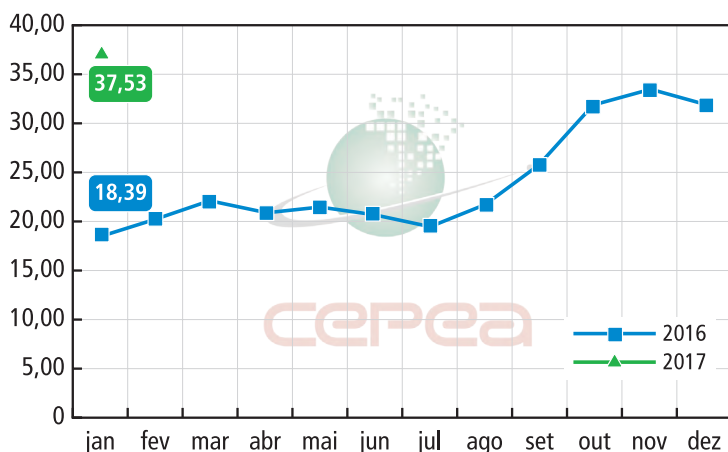
Oferta reduzida valoriza laranja em SP

Previsão é de bons preços para a laranja *in natura*

Com expectativas de baixa oferta de laranja em fevereiro, os preços pagos pela fruta podem permanecer firmes por mais um mês. No geral, a disponibilidade deve se restringir às laranjas temporãs, principalmente pera rio e tardias. Muitos produtores, inclusive, já relatam encerramento da produção da safra 2016/17, aguardando o início das precoces da nova temporada, a partir de meados de março. Neste cenário, fevereiro e março podem ser meses de bons preços pagos pela fruta *in natura*, principalmente as de melhor qualidade. Além disso, as altas temperaturas previstas para o estado de São Paulo neste mês, podem favorecer a demanda e limitar ainda mais a disponibilidade das variedades. Em janeiro, a pera rio teve média de R\$ 37,53/cx de 40,8 kg, na árvore, e a lima, de R\$ 65,90/cx, expressivos 104% e 110% acima da média do mesmo período do ano passado, em termos nominais – maiores preços já registrados em toda a série histórica do Cepea, iniciada em 1994 para a pera e 1996 para a lima.

Pico de safra de tahiti pode se encerrar em março

Elevado desde meados de dezembro, o volume de lima ácida tahiti no estado de São Paulo deve continuar alto em fevereiro. Conforme colaboradores do Hortifruti/Cepea, a colheita deve começar a diminuir somente em março, o que pode favorecer as cotações da variedade naquele mês. Neste ano,



produtores avaliam quantidade e qualidade da tahiti como superiores às da temporada de 2016, tendo em vista o clima favorável durante as floradas e desenvolvimento da variedade. No segmento industrial, a demanda para moagem continua elevada, com as cinco empresas em operação oferecendo valores entre R\$ 10,00 e R\$ 16,00/cx de 40,8 kg, para a fruta colhida e posta na planta de processamento. Em relação a janeiro do ano passado, a remuneração da indústria aumentou 16,4% em janeiro/17, em termos nominais. Nesse contexto, os preços podem se comportar como na temporada passada, quando mesmo em pico de safra, a tahiti foi comercializada a patamares superiores ao usual para a época. Vale lembrar, contudo, que naquele ano, além da boa demanda industrial, o mercado externo também favorecia as vendas.

Indústrias devem emendar safra novamente

Em 2017, não deve haver entressafra de processamento de laranja no estado de São Paulo pela segunda temporada consecutiva. As três grandes indústrias do estado desaceleraram a moagem da temporada 2016/17 em janeiro, devido à baixa disponibilidade de matéria-prima, sendo que apenas uma unidade de cada empresa continua em operação. No entanto, as três indicam que permanecerão em atividade até o início da safra 2017/18, que pode ser antecipado para meados de maio. A estratégia visa aproveitar o máximo possível de frutas disponíveis, considerando o atual cenário de baixa oferta de suco de laranja. Além da moagem das frutas próprias, duas empresas continuam comprando no mercado *spot*, a valores entre R\$ 18,00 e R\$ 26,00/cx de 40,8 kg, colhida e posta na processadora. As pequenas indústrias, por sua vez, chegam a pagar mais de R\$ 30,00/cx no mercado *spot* para entrega imediata. Para a nova safra (2017/18), as grandes processadoras fecharam contratos entre R\$ 20,00 e R\$ 25,00/cx de 40,8 kg – podendo, em alguns casos, contar com adicionais/descontos referentes ao preço do suco e/ou ao rendimento industrial.



Preço da pera atinge recorde nominal

Preços médios recebidos por produtores paulistas pela laranja pera - R\$/cx de 40,8 kg, na árvore

Fonte: Cepea



Acesse!
hfbrasil.org.br



Safra paulista de uvas finas atrasa

São Miguel e Pilar do Sul esperam pico de colheita em fevereiro

A safra de final de ano 2016/17 de São Miguel Arcanjo e Pilar do Sul (SP) atrasou e, por isso, a maior oferta nessas regiões pode ser apenas em fevereiro – a temporada deveria ter se iniciado entre novembro e dezembro, como normalmente ocorre todo ano, mas começou apenas em janeiro. O frio prolongado durante as podas em 2016, além de limitar a produtividade, fez com que produtores tivessem que refazer a atividade, atrasando a safra. Com isso, a expectativa é de que as cotações fiquem em bons patamares, já que praticamente apenas essas duas regiões ofertarão uvas no mês de fevereiro – Campinas (SP), Porto Feliz (SP) e Paraná finalizaram a safra em janeiro. O Vale do São Francisco (PE/BA), por sua vez, também deve ofertar a fruta no período, mas a disponibilidade não deve ser muito elevada, o que favorece os preços.

Preço de niagara paulista cai e safrinha deve ter menor oferta

Produtores de uva niagara de Campinas (SP) e de Porto Feliz (SP) que não iniciaram a poda em janeiro, não deve realizar a atividade para colher na safrinha, que está prevista para se iniciar em março/abril. Isso porque as precipitações constantes no estado de São Paulo em janeiro limitaram as podas. Além disso, parte das uvas ainda não tinha sido colhida no mês, visto que produtores deixaram a fruta no pé para prolongar a oferta, na tentativa de esca-

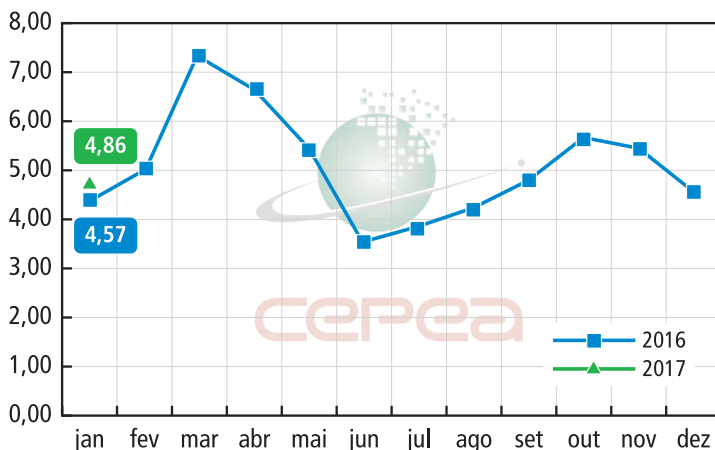
par dos preços baixos. No entanto, a chuva prejudicou a qualidade e dificultou ainda mais as vendas. Entre novembro/16 e janeiro/17 (período de colheita da safra de fim de ano), o preço da niagara foi de R\$ 3,66/kg e R\$ 2,96/kg na região de Campinas e em Porto Feliz, respectivamente, queda de 4,2% e 10% frente à temporada 2015/16.

Produtores de Marialva aguardam temporã/17

A atenção do produtor de Marialva (PR) volta-se às podas, que se iniciou em dezembro/16 e pode se estender até fevereiro. O produtor acredita que a videira virá com carga superior na safra temporã. Porém, para garantir bom volume no meio do ano, a maioria intensificou os tratamentos culturais, como a pulverização. A safra de final de ano 2016/17 de Marialva, por sua vez, foi encerrada em janeiro, com cotações abaixo do esperado. Porém, mesmo que a média tenha sido superior na última temporada, as cotações não foram suficientes para garantir rentabilidade positiva, já que houve quebra de produtividade e aumento nos custos.

Mudança no consumo europeu é desafio para 2017

No início de 2017, o mercado de uva na Europa está sendo abastecido com frutas provenientes da África e América do Sul. Novas variedades estão sendo introduzidas aos poucos, mas importadores e consumidores ainda não conseguem absorvê-las antes das tradicionais, o que se torna um desafio para 2017. Já os embarques de uva brasileira recuaram em 2016 frente ao ano anterior. Embora tenha aumentado o número de empresas brasileiras interessadas em retomar os envios, principalmente à Europa, o atraso da temporada devido às chuvas fora de época no Vale do São Francisco e a concorrência acirrada com Grécia e Peru limitou as vendas externas. No total, a exportação somou 30,8 mil toneladas de uva fresca no acumulado de 2016, queda de 10,4% frente a 2015, segundo a Secex.



Preço fica superior ao de janeiro/16
Preços médios da uva Itália embalada recebidos por produtores do Vale do São Francisco - R\$/kg

Fonte: Cepea





foto: Douglas Andrade - Lagoa Formosa (MG)

Maior volume de nanica é esperado para primeiros meses de 2017

Aumento na oferta pressiona cotações em SP e SC

A oferta de banana nanica deve continuar aumentando em fevereiro, principalmente no Vale do Ribeira (SP). As altas temperaturas combinadas às chuvas ao longo de janeiro favoreceram o desenvolvimento dos cachos e a qualidade da fruta cultivada na região Sudeste do País. Assim, já no primeiro mês do ano, houve um aumento expressivo na produção paulista, após meses de baixa oferta, consequência do clima adverso no ano passado. Já os bananais do norte de Santa Catarina devem demorar um pouco mais para se recuperar, com a intensificação da colheita esperada apenas entre maio e junho. O fato é que, por conta da maior oferta no Vale do Ribeira, as cotações da banana nanica começaram 2017 em queda em todas as regiões produtoras. Na praça paulista, a variedade foi cotada na média de R\$ 1,65/kg em janeiro, recuo de 30% frente à de dezembro de 2016. No norte catarinense, a variação foi negativa em 27%, ficando em média a R\$ 1,12/kg. Para fevereiro, apesar do maior volume disponível, a expectativa de melhora na demanda, favorecida pela volta às aulas, poderá limitar as quedas de preços.

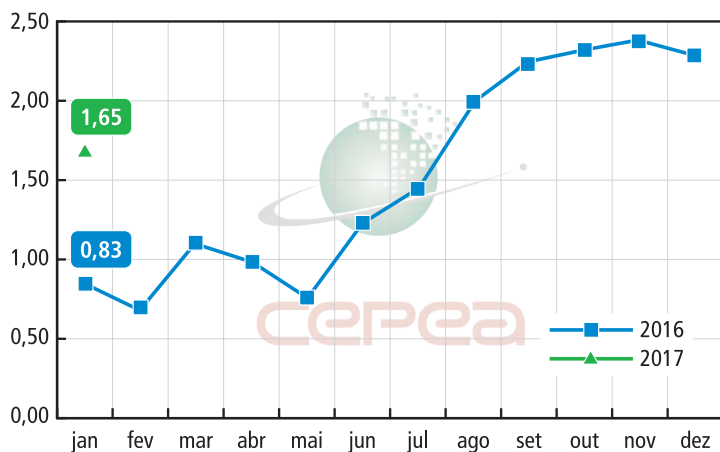
Mercado da prata anã deve permanecer firme no 1º semestre

Após atingir recordes em 2016, as cotações da banana prata anã no norte de Minas Gerais e em Delfinópolis (MG) devem permanecer em bons patamares ao longo do primeiro semestre, sustentadas

pela baixa produção típica do período. Além disso, em fevereiro, a demanda deve se aquecer, favorecida pelo retorno das aulas. Em janeiro, o preço médio da fruta comercializada no norte de Minas Gerais foi de R\$ 2,14/kg, queda de 14% frente ao de dez/16. Produtores mineiros também estão atentos à movimentação de outras praças e aos efeitos do clima sobre a produção. Quanto à qualidade, houve melhora em comparação com o início do ano passado e está sendo bastante satisfatória, facilitando o escoamento da produção da prata.

Exportação ao Mercosul pode se recuperar no primeiro semestre

Embora ainda seja cedo para estimar as exportações brasileiras de banana em 2017, as apostas iniciais indicam recuperação no volume enviado ao Mercosul – pelo menos para o primeiro semestre – tendo em vista os baixos patamares de preços da fruta praticados no mercado interno. Já os envios à União Europeia (UE) devem ser limitados por problemas hídricos do Nordeste. A Europa é um dos principais destinos da banana brasileira e tem interesse em importar maior quantidade da fruta, mas, por enquanto, o Brasil não tem capacidade para elevar a produção, já que o Rio Grande do Norte e Ceará, estados responsáveis pelos envios àquele continente, estão sendo prejudicados pela falta de água, com a produtividade reduzida. O ano de 2016 foi fraco para as exportações de banana, visto que produtores preferiram destinar a maior parte do volume ao consumo doméstico, motivados pelas altas dos preços no mercado brasileiro. Foram exportadas 64,3 mil toneladas da fruta no acumulado do ano, volume 20% menor que o de 2015, segundo a Secex. O valor recebido pelos envios caiu 16% na mesma comparação, para US\$ 21,3 milhões. Os envios se desaceleraram no ano passado principalmente ao Mercosul. Produtores do Norte de Santa Catarina, responsáveis pela exportação ao bloco, relataram que importantes compradores como Argentina e Uruguai deixaram de comprar a fruta brasileira por conta da alta nos preços – a nanica de SC se valorizou 147% frente a 2015.



Nanica começa 2017 com preço em queda frente dez/16

Preços médios recebidos por produtores do Vale do Ribeira pela nanica - R\$/kg

Fonte: Cepea



Acesse!
hfbrasil.org.br



foto: Matheus Borsatti - Caxias do Sul (RS)

Começa colheita de gala da safra 2016/17

Nova temporada deve ter maçãs de melhor qualidade

A colheita da maçã gala da temporada 2016/17 se iniciou entre a última semana de janeiro e a primeira de fevereiro nas regiões de Fraiburgo (SC) e Vacaria (RS). A expectativa quanto à produção é positiva em função das boas condições climáticas. Até meados de janeiro, choveu praticamente todos os dias, o que favoreceu o crescimento da fruta. Assim, produtores esperam maçãs maiores que as do ano passado, além de boa coloração. Em contrapartida, a chuva e as temperaturas acima de 15°C preocuparam maleicultores devido à possibilidade do aparecimento da *glomerella* na gala – houve apenas registros pontuais da doença. Um maior volume de comercialização, porém, é esperado para meados de fevereiro, uma vez que boa parte dos classificadores deve intensificar as atividades neste período. Apesar da boa qualidade, produtores preveem queda nos preços em função do maior volume ofertado em relação a 2016. Ainda assim, a expectativa é que 2017 seja um bom ano para o setor.

Safra de eva atrasa e fruta se desvaloriza

A comercialização da maçã eva na região Sul do País esteve lenta no primeiro mês de 2017. O aquecimento no mercado da variedade estava previsto apenas para o final de janeiro, ainda antes do início das vendas de gala. O preço médio da maçã

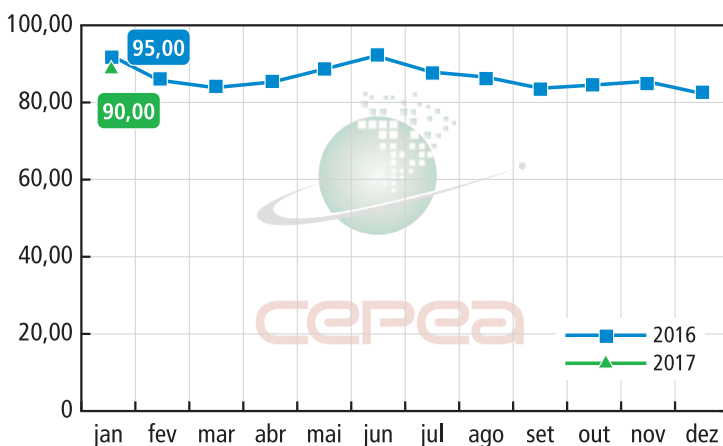
eva graúda cat 3 comercializada em Fraiburgo (SC) em janeiro teve queda de 13% em relação ao mesmo mês de 2016, mas acima dos custos unitários. Os menores preços de eva podem ser reflexo da presença das frutas importadas no mercado, que ainda são atrativas aos compradores. Além disso, a queda nos preços foi uma das estratégias para um escoamento mais rápido da eva, já que a colheita da variedade atrasou nesta safra e produtores temiam sobreposição com a oferta da gala.

Maleicultores desligam câmaras e aguardam gala

Os últimos estoques de fuji na região de São Joaquim (SC) finalizaram em janeiro. Devido à dificuldade em escoar as últimas frutas armazenadas, principalmente da categoria 3, maleicultores realizaram algumas promoções naquele mês a fim de desligar as câmaras de refrigeração. Janeiro fechou com preços médios satisfatórios da fuji, que foi de 70,60/cx 18 kg na serra catarinense, valor 5,31% maior que o de dezembro/16. As empresas seguem com a manutenção das máquinas, principalmente classificadoras, para receber a gala. Em relação à colheita de fuji, ainda é cedo para previsões mais concretas, mas, até o momento, se o clima continuar favorável ao desenvolvimento das frutas, a variedade também deve satisfazer o setor e ter recuperação de volume e qualidade frente à última temporada.

Após importação recorde em 2016, volume pode recuar em 2017

A importação de maçãs pode recuar neste ano em função da recuperação da safra brasileira 2016/17. Em 2016, a maçã foi a fruta mais importada pelo Brasil, em volume – no total, foram compradas 155 mil toneladas, superando a pera, que registrou 146 mil toneladas no ano passado, de acordo com a Secex. O aumento de 101% na compra da maçã não deve se repetir em 2017. Quanto às exportações brasileiras, podem se recuperar frente à queda de 50% observada de 2015 para 2016, já que a expectativa é de frutas com qualidade e calibre satisfatórios ao mercado internacional.

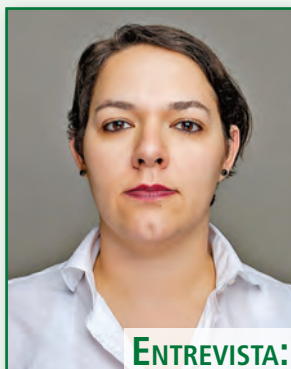


Preço da gala começa 2017 menor que 2016

Preço médio de venda da maçã gala Cat 1 (calibres 80 - 110) na Ceagesp - R\$/cx de 18 kg

Fonte: Cepea





ENTREVISTA: Dra. Renata Gonçalves Tedeschi

“NÃO HÁ MAIS POSSIBILIDADE DE O LA NIÑA IMPACTAR NO REGIME DE CHUVAS NO BRASIL EM 2017”

Dra. Renata Gonçalves Tedeschi é climatologista do Grupo de Previsão Climática do Centro de Previsão do Tempo e Estudos Climáticos do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Cptec/Inpe). Tem experiência na área de Física, com ênfase em Climatologia, atuando principalmente nos seguintes temas: precipitação, *El Niño* e *La Niña* (“ENOS”), eventos extremos e diferentes tipos de “ENOS”.

Hortifruti Brasil: Entre 2014 e o primeiro semestre de 2016, chuvas em excesso em algumas regiões e estiagem prolongada noutras impactaram negativamente a produção dos hortifrutícolas. Os grandes fenômenos climáticos *El Niño* e *La Niña* foram responsáveis por essas adversidades no período?

Renata Gonçalves Tedeschi: Em 2014, havia uma grande expectativa sobre o *El Niño*, porém, ele não foi completamente estabelecido. Isso ocorreu em 2015, sendo considerado o segundo mais forte da história, perdendo apenas para o ocorrido entre 1997 e 1998. O *El Niño* normalmente

de 2016. Nos meses de setembro, outubro e novembro de 2015, as anomalias da temperatura da superfície do mar atingiram números maiores que 2°C, que o caracterizaram como um *El Niño* muito forte, permanecendo assim até o primeiro trimestre de 2016. Como característica, o *El Niño* provoca aumento de chuvas no Sul e diminuição das precipitações no Norte e Nordeste. As demais regiões não mostram impactos bem definidos dos fenômenos *El Niño* e *La Niña*. Uma influência conhecida é o dipolo de precipitação entre o Sul e o Sudeste, principalmente no verão, ou seja, quando chove muito no Sul, chove pouco no Sudeste e vice-versa. Durante o segundo semestre de 2016, ocorreram anomalias negativas de temperaturas, foram inferiores à média histórica no Pacífico equatorial, o que poderia indicar o *La Niña*, mas este foi de fraca intensidade e não fortaleceu os ventos alísios. Sem fenômeno algum de grande escala atingindo o Brasil, as precipitações (ou a falta delas) nas regiões Sudeste e Sul foram definidas por fenômenos que acontecem em escalas menores de tempo, entre 1 e 10 dias. No Nordeste, a previsão do Inpe, em conjunto com o Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden) e o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) indica chuvas abaixo da média histórica neste ano. Isso ocorre porque, em anos em que não há presença nem de *El Niño* nem de *La Niña*, como é o caso de 2017, o Nordeste é muito afetado por aquilo que ocorre no Atlântico Tropical Norte, que nos últimos meses mostra anomalias positivas de temperatura da superfície do mar. Quando as águas do Pacífico Tropical Norte estão mais aquecidas, a Zona de Convergência Intertropical é deslocada para o norte em relação à sua posição média, o que causa menos chuva no Nordeste. Porém, as anomalias no Atlântico variam mais rapidamente que no Pacífico, e, caso as águas do Atlântico Tropical Norte resfriem, essa previsão de chuva abaixo da média histórica pode mudar.

“No Nordeste, a previsão do Inpe, em conjunto com o Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden) e o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) indica chuvas abaixo da média histórica neste ano.”

começa em agosto de um ano, se estendendo até julho do ano seguinte. O último *El Niño* começou no final de 2014 (no trimestre de outubro a dezembro), seguindo até maio

HF Brasil: A La Niña ainda tem força de aumentar as chuvas no Nordeste em 2017? Ou esse fenômeno já se dissipou para os próximos meses?

Renata: Para o estabelecimento da *La Niña*, é necessário, além do resfriamento das águas do Pacífico, também o fortalecimento de ventos alísios, que são ventos de leste para oeste que sempre ocorrem na região equatorial. Em maio/16 foi verificada a finalização do fenômeno *El Niño* e o início do resfriamento do Pacífico, mas sem o fortalecimento dos ventos alísios. É por isso que o Cptec não está trabalhando com a ocorrência de *La Niña*. Porém, outros institutos de pesquisa, inclusive internacionais como a Administração NOAA (agência meteorológica dos Estados Unidos, na sigla em inglês), definiram a ocorrência de um *La Niña*, devido ao resfriamento das águas do Pacífico. Independente da definição ou não de *La Niña*, as anomalias da temperatura da superfície do mar foram fracas, não causando alterações no regime de chuvas no Brasil. O enfraquecimento do resfriamento no Pacífico equatorial já se iniciou e, portanto, não há previsão da continuação ou estabelecimento do *La Niña* que possa impactar no regime de chuvas no Brasil.

HF Brasil: Para 2017, a principal preocupação é a baixa disponibilidade de água no Nordeste para o cultivo de hortaliças e frutas. Há algum indício de um bom volume de chuvas nos próximos meses para essas regiões?

Renata: As previsões indicam chuvas abaixo da média histórica em parte da região do semiárido, no norte da Bahia, baseadas na ocorrência de fracas anomalias de temperatura da superfície do mar no Pacífico e de anomalias positivas sobre o Atlântico Tropical Norte. Para as demais regiões do Nordeste, os modelos climáticos não conseguiram prever o regime de chuvas. É o caso da Chapada Diamantina, que há seis anos sofre com problemas de seca e, nesse período, pode ter tido influência do *El Niño* ou da Zona de Convergência Intertropical.

HF Brasil: O mesmo ocorre para a região de Irecê (BA) e do Vale do São Francisco?

Renata: A cidade de Irecê fica mais próxima do norte da Bahia e o Vale do São Francisco abrange estados como Pernambuco, Alagoas e Sergipe. A previsão para algumas dessas regiões é de chuvas abaixo da média histórica no trimestre fevereiro-março-abril.■

Saúde Vegetal
se faz assim:
pronutiva[®]
Programa Arysta de Proteção + Biossoluções



biomarketing

Saúde Vegetal é cuidar de todo o ciclo do cultivo de forma integrada, do plantio até a colheita, do tratamento de sementes até a mesa do consumidor. Para isso, é necessário que haja uma sinergia entre proteção de cultivos e as mais modernas tecnologias que estimulam e fortalecem a planta. A Arysta LifeScience conta com produtos e experiência comprovados: Pronutiva[®], um programa exclusivo da Arysta de Proteção de cultivos + Biossoluções (fisiotivadores, biocontrole e nutrição inovadora), que maximiza a produtividade, qualidade e lucratividade em diversas culturas, potencializando os resultados do seu negócio. Saúde Vegetal se faz assim: Pronutiva[®].

Procure um Consultor Técnico Comercial Arysta e saiba mais.

www.arysta.com.br

 **Arysta**
LifeScience

Portfólio HF

Carregado de soluções para múltiplas culturas em hortifrúti.



☎ 0800 0192 500

📘 facebook.com/BASF.AgroBrasil

www.agro.basf.com.br

Aplique somente as doses recomendadas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Incluir outros métodos de controle dentro do programa do Manejo Integrado de Pragas (MIP) quando disponíveis e apropriados. Uso exclusivamente agrícola. Restrições no Estado do Paraná: Tutor® para o alvo *Phytophthora infestans* no tomate, Cabrio® Top para alho. Registro MAPA: Cabrio® Top nº 01303, Dormex® nº 1095, Collis® nº 01804, Forum® nº 01395, Pirate® nº 05898, Nomolt® 150 nº 01393, Regent® Duo nº 12411, Heat® nº 01013, Cantus® nº 07503, Fastac® 100 nº 2793, Herbadox® 400 EC nº 15907, Orkestra® SC nº 08813 e Tutor® nº 02908.

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.



Produtos que contribuem para aumentar a qualidade e produtividade da sua lavoura.

Fungicidas	Orkestra® SC*	Inseticidas	Pirate®
	Cabrio® Top*		Regent® Duo
	Cantus®*		Nomolt® 150
	Forum®		Fastac® 100
	Collis®		
	Tutor®		
Herbicidas	Heat®	Regulador de Crescimento	Dormex®
	Herbadox® 400 EC		

*Mais qualidade, produtividade e rentabilidade - Benefícios AgCelence®.

BASF
We create chemistry



Invista certo, plante

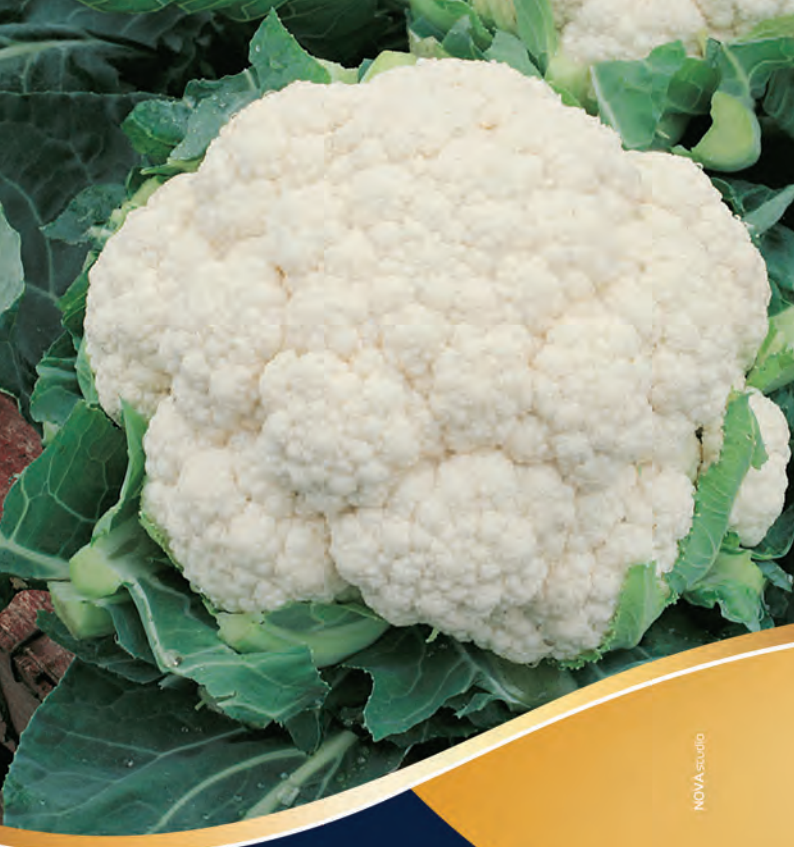
ALPINA F1

TOPSEED
Premium
TECNOLOGIA EM SEMENTES

Mala Direta Postal
Básica
0000/2012 - DR/XXXXY
Cliente
...CORREIOS...

IMPRESSO

Uma publicação do CEPEA USP/ESALQ
Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)
Tel: 19 3429.8808 - Fax: 19 3429.8829
e-mail: hfcepea@usp.br



Muito mais que uma publicação, a **Hortifruti Brasil** é o resultado de pesquisas de mercado desenvolvidas pela Equipe Hortifruti do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da Esalq/USP.

As informações são coletadas através do contato direto com aqueles que movimentam a hortifruticultura nacional: produtores, atacadistas, exportadores etc. Esses dados passam pelo criterioso exame de nossos pesquisadores, que elaboram as diversas análises da **Hortifruti Brasil**.

Couve-flor híbrida

ALPINA F1

- Boa proteção de cabeça
- Ampla adaptação de cultivo
- Resistência: Xcc
(Podridão Negra das Crucíferas)

TOPSEED
Premium
TECNOLOGIA EM SEMENTES

24 2222-9000 | www.agristar.com.br

Xcc - Xanthomonas campestris pv. campestris

Uma publicação do CEPEA – ESALQ/USP
Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)
tel: (19) 3429.8808 Fax: (19) 3429.8829
E-mail: hfcepea@usp.br
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil